



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



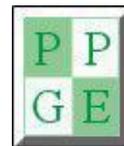
**PENA DE OURO: ESCRREVENDO PROCESSOS DE  
EDUCAR E EDUCAR-SE NA RODA DE CAPOEIRA**

**Gilmar Araújo de Oliveira**

São Carlos – SP  
2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



**PENA DE OURO: ESCRREVENDO PROCESSOS DE  
EDUCAR E EDUCAR-SE NA RODA DE CAPOEIRA**

**Gilmar Araújo de Oliveira**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre em Educação, sob orientação do Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior.

São Carlos – SP

2016

Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da Biblioteca Comunitária UFSCar  
Processamento Técnico  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

O48p Oliveira, Gilmar Araújo de  
Pena de Ouro : escrevendo processos de educar e educar-se na roda de capoeira / Gilmar Araújo de Oliveira. -- São Carlos : UFSCar, 2016.  
77 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2016.

1. Processos educativos. 2. Capoeira. 3. Cultura popular. I. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

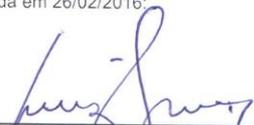
Centro de Educação e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Educação

---

Folha de Aprovação

---

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato Gilmar Araujo de Oliveira, realizada em 26/02/2016:



---

Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior  
UFSCar



---

Prof. Dr. Fernando Donizete Alves  
UFSCar



---

Prof. Dr. Fábio Ricardo Mizuno Lemos  
UFSP

## **Agradecimentos**

*O meu Mestre muito obrigado  
Pela capoeira eu poder jogar...  
Axé.*

Minha profunda gratidão a meus familiares. À minha mãe, Natalina Araujo de Oliveira, por toda a dedicação e incentivo. Meus Irmãos: Anderson Araujo de Oliveira, Eliane Araujo de Oliveira, André José de Oliveira e Nailton Araujo de Oliveira.

*O meu Mestre muito obrigado  
Pela capoeira eu poder jogar...  
Axé.*

Agradeço também o meu orientador Prof. Luiz Gonçalves Junior, pela força, pelo companheirismo e por acreditar em mim.

*O meu Mestre muito obrigado  
Pela capoeira eu poder jogar...  
Axé.*

Agradeço ao Mestre Izael Teixeira, por me acolher tão bem em sua casa. Por todos os ensinamentos durante o período de minha inserção na Associação Cultural e Desportiva Pena de Ouro.

*O meu Mestre muito obrigado  
Pela capoeira eu poder jogar...  
Axé.*

Todos e todas do Grupo Capoeira Sankofa. Em especial o Contramestre Camarão (Jeferson Straatmann). Os professores: Sagu (Raphael Moreno), Cabelo (Alfraino Diniz) e Nestor Benedito Fracasse.

*O meu Mestre muito obrigado  
Pela capoeira eu poder jogar...  
Axé.*

Todos/as amigos/as do Núcleo de Estudos de Fenomenologia em Educação Física (NEFEF). Principalmente à grande amiga Claudia Foganholi pela ajuda desde os tempos da graduação.

*O meu Mestre muito obrigado  
Pela capoeira eu poder jogar...  
Axé.*

Aos amigos e amigas do projeto de extensão, Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer Mais Que Futebol (VADL-MQF), por todos os momentos compartilhados.

*O meu Mestre muito obrigado  
Pela capoeira eu poder jogar...  
Axé.*

Agradeço também a todos e todas do curso de extensão Equidade na pós-graduação, onde foi dado início a este projeto de pesquisa.

*O meu Mestre muito obrigado  
Pela capoeira eu poder jogar...  
Axé.*

Gratidão aos meus amigos Nathan Raphael Varotto e Lúcio Castro Fábis do grupo (BFDP), pelos diálogos durante às refeições e cervejas compartilhadas em vários momentos.

Esta pesquisa teve o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) de 06/05/2014 a 06/04/2016.

## Resumo

O objetivo central desta pesquisa foi identificar, descrever e compreender os processos educativos desencadeados na relação Mestre e Aprendiz no contexto das aulas de Capoeira da Associação Cultural e Desportiva Pena de Ouro, ministradas pelo Mestre Izael Teixeira. O interesse em pesquisar processos educativos decorrentes da prática social Capoeira deve-se à busca pela valorização dos conhecimentos produzidos por povos do Sul, no caso, conhecimentos produzidos pelo povo negro que foi escravizado, colocado às margens devido ao processo de colonização dos países do sul geográfico. No contexto desta pesquisa, a Capoeira é entendida enquanto manifestação de matriz africana gestada na esfera da cultura popular. A metodologia utilizada no estudo foi qualitativa de inspiração na fenomenologia, tendo como procedimento de coleta de dados registros sistemáticos de observações em diários de campo. Na construção dos resultados, com base na leitura atenta dos diários de campo, emergiram as seguintes categorias: *A) Pedagógica de Mestre Izael B) Valorização do Mestre Izael pela Comunidade e C) Enquanto Descanso, Carrego Pedra – Resistência e Ancestralidade*. Consideramos que as lições do Mestre Izael vão além do objeto de ensino, a Capoeira, possibilitando a formação para a vida. Processos educativos relacionados com a resistência e a ancestralidade foram observados, o que colaboram para a compreensão sobre a cosmovisão africana que se faz presente no modo de vida da população afro-brasileira. Esses processos educativos têm a função de promover a formação para a vida na sociedade, fortalecer nos afrodescendentes suas raízes e identidades africanas.

**Palavras Chaves:** Processos Educativos. Capoeira. Cultura Popular.

## **Abstract**

The main objective of this research was to identify, describe and understand the educative processes triggered in the relationship Master and Apprentice, in the context of Capoeira classes of the Cultural Association and Sports Pena de Ouro, taught by Master Izael Teixeira. The interest in researching educative processes resulting from Capoeira social practice is due to the search for the appreciation of knowledge produced by the Southern people, in the case, knowledge produced by black people who were enslaved, placed at the margins due to the colonization process of the southern countries geographical. In the context of this research, Capoeira is perceived as a manifestation of African origin gestated in the sphere of popular culture. The methodology used in the study was qualitative with inspiration in phenomenology, and data collection was performed with systematic records of observations in field diaries. In the construction of the results, the categories were presented: A) Educational of Master Izael B) Appreciation of the Master Izael by the Community and C) While rest, I carry Stone - Resistance and Ancestrally. We believe that the knowledge of the Master Izael extend beyond the Capoeira, enabling education for life. Educative processes related to the resistance and ancestrally were observed, which collaborate to the comprehension of the African worldview that is present in the lifestyle of african-brazilian population. These educative processes have the role to promote education for life in society and strengthen their African roots and identities.

**Keywords:** Educative Processes. Capoeira. Popular Culture.

## **Lista de Figuras**

<b>Figura 1:</b> Adinkra Sankofa.....	18
---------------------------------------	----

## **Lista de Quadros**

<b>Quadro 1:</b> Descrição sumária das Oito Sequências de Mestre Bimba .....	32
<b>Quadro 2:</b> Alunos/as do Mestre Izael participantes dos treinos de sexta-feira às 19h .....	36
<b>Quadro 3:</b> Matriz Nomotética .....	42

## Sumário

<b>1 Apresentação</b>	<b>10</b>
<b>2 Cultura Popular</b>	<b>15</b>
<b>3 Educar e Educar-se na Cultura Africana e Afro-Brasileira</b>	<b>18</b>
<b>4 Capoeira enquanto Prática Social</b>	<b>24</b>
<b>5 Capoeira Regional de Mestre Bimba: breve compreensão</b>	<b>29</b>
<b>6 Trajetória Metodológica</b>	<b>35</b>
<i>6.1 Apresentação do Mestre Izael e da Associação Cultural e Desportiva Pena de Ouro</i>	<i>39</i>
<b>7 Construção dos Resultados</b>	<b>42</b>
<i>7.1 A) Pedagógica de Mestre Izael</i>	<i>43</i>
<i>7.2 B) Valorização do Mestre Izael pela Comunidade</i>	<i>46</i>
<i>7.3 C) Enquanto Descanso, Carrego Pedra – Resistência e Ancestralidade</i>	<i>49</i>
<b>8 Considerações</b>	<b>52</b>
<b>Referências</b>	<b>56</b>
<b>Apêndice 1 – Termo de consentimento Livre Esclarecido, Mestre. (TCLE)</b>	<b>60</b>
<b>Apêndice 2 – Termo de Consentimento Livre Esclarecido, Aprendizes (TCLE)</b>	<b>62</b>
<b>Apêndice 3 – Diários de Campo</b>	<b>64</b>
<i>Diário de Campo I - 17/10/2014</i>	<i>64</i>
<i>Diário de Campo II - 31/10/2014</i>	<i>65</i>
<i>Diário de Campo III - 07/11/2014</i>	<i>66</i>
<i>Diário de Campo IV - 21/11/2014</i>	<i>67</i>
<i>Diário de Campo V - 05/12/2014</i>	<i>68</i>
<i>Diário de Campo VI - 19/12/2014</i>	<i>69</i>
<i>Diário de Campo VII - 30/01/2015</i>	<i>69</i>
<i>DIÁRIO DE CAMPO VIII - 06/02/2015</i>	<i>70</i>
<i>DIÁRIO DE CAMPO IX - 13/02/2015</i>	<i>71</i>
<i>Diário de Campo X - 20/02/2015</i>	<i>72</i>

<i>Diário de Campo XI - 27/02/2015</i> -----	73
<i>Diário de Campo XII - 06/03/2015</i> -----	74
<i>Diário de Campo XIII - 13/03/2015</i> -----	75
<i>Diário de Campo XIV - 17/04/2015</i> -----	75
<i>Diário de Campo XV - 24/04/2015</i> -----	76

## 1 Apresentação

Em 2001, tive meu primeiro contato direto com a capoeira, na Associação Desportiva e Cultural Grupo Cativoiro Capoeira, com suas atividades desenvolvidas no Centro Acadêmico Armando Salles de Oliveira (CAASO), da Universidade de São Paulo (USP), campus 1 da cidade de São Carlos. No início apenas frequentava as aulas como uma forma de me exercitar, sem conhecimento de seu contexto histórico ou possíveis processos educativos existentes nessa manifestação da cultura popular, de matriz africana.

Com o passar dos anos, conhecendo cada vez mais e melhor a Capoeira, fui me engajado com está e, aos poucos, fui me descobrindo como afro-brasileiro e, portanto, com uma história que se imbricava com a história de luta de demais afrobrasileiros e com a própria capoeira, que também em si pode ser entendida como luta.

Para tanto foi fundamental a convivência com os mestres, professores, outros praticantes, do próprio grupo que participava, bem como de outros grupos que conhecia em festas, batizados e rodas de capoeira.

Nesse contexto, comecei a sentir o fortalecimento de minha identidade afro-brasileira, na convivência com pessoas e grupos que respeitavam e valorizavam a capoeira e manifestações culturais afrobrasileiras e africanas em geral.

Assim, fui mudando minha concepção acerca do mundo, o que fortaleceu ainda mais minha identidade negra ao ser educado nesse meio. Educado por me descobrir e me afirmar como pessoa negra, de saber das minhas raízes, compreendi o valor da aproximação junto de pessoas portadoras de tradição, como Mestres de Capoeira, e ter um melhor entendimento da luta do povo negro no Brasil.

Após alguns anos praticando capoeira, veio o interesse em ministrar aulas e realizei o curso de Licenciatura em Educação Física entre 2006 e 2011, prazo amplo devido a idas e vindas ao curso, perda de bolsa, transferência de uma faculdade para outra, dificuldades financeiras, entre outros.

Já em 2009 comecei a trabalhar com capoeira junto a crianças, trabalho que desenvolvi até junho de 2014. Durante o período em que ministrava essas aulas tive sempre a preocupação em dialogar acerca da luta do povo negro pela liberdade e pela não discriminação, com todos os membros da comunidade escolar (crianças, pais, mães, professores/as, diretora, coordenadora, cozinheira/o, zelador, entre outros).

Concomitantemente a esse trabalho continuava treinando capoeira em diferentes espaços, dentre eles: no Centro Acadêmico Armando Salles de Oliveira (CAASO) da Universidade de São Paulo (USP), com o Professor Camarão; no Grupo Manifesto Capoeira, com Professor Adan; como tutor presencial na disciplina de graduação Fundamentos em Capoeira, do curso de Educação Física da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), com Professor Luiz; bem como, na Associação Cultural e Desportiva Pena de Ouro, com Mestre Izael.

A partir dessas vivências surgiu o interesse em pesquisar processos educativos na prática da Capoeira, pois percebia, nos diversos espaços que ensinava-estudava Capoeira, seja como professor, aluno ou tutor, imensa riqueza da cultura negra entremeada pela história da constituição da luta Capoeira, que também se constituiu e se constitui enquanto luta do povo negro por: valorização e reconhecimento de sua cultura; liberdade; direitos; vida digna.

Visando desenvolver tal estudo comecei, em 2011, a frequentar as reuniões semanais do Núcleo de Estudos em Fenomenologia Educação Física (NEFEF), no Departamento de Educação Física e Motricidade Humana (DEFMH) da UFSCar e, em 2013, participei do curso de extensão “Equidade no Acesso de Populações Sub-representadas aos Cursos de Mestrado”, ofertado pela UFSCar. O citado curso é voltado para estudantes negros (pretos e pardos), indígenas e pessoas com deficiência, e visava à preparação acadêmica para fins de seleção em programas de mestrado oferecidos por instituições brasileiras ou estrangeiras, nas diversas áreas do conhecimento, curso este que muito me ajudou a redigir o meu projeto de mestrado para participar do processo seletivo de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UFSCar, ingressando em 2014, na linha de pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos.

Do projeto de pesquisa inicialmente escrito, se mantém o propósito de pesquisar processos educativos na prática da Capoeira, particularmente na Associação Cultural e Desportiva Pena de Ouro, a mais antiga em atividade da cidade de São Carlos, pois Mestre Izael trabalha há mais de 30 anos com Capoeira, inclusive no mesmo local, sendo que a própria trajetória de vida de tal Mestre se confunde com a história da Capoeira no município.

Assim, tenho como questão de pesquisa deste estudo: que processos educativos decorrem da prática social capoeira no contexto das aulas do Mestre Izael da Associação Cultural e Desportiva Pena de Ouro? Sendo, portanto, objetivo central da pesquisa: identificar, descrever e compreender os processos educativos desencadeados na relação

Mestre-Aprendiz no contexto das aulas de Capoeira da Associação Cultural e Desportiva Pena de Ouro, ministradas pelo Mestre Izael Teixeira.

A escolha pela linha de pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos foi pelo interesse em pesquisar processos educativos decorrentes da prática social Capoeira buscando valorizar conhecimentos produzidos por povos do Sul, no caso, conhecimentos produzidos pelo povo negro que foi escravizado, colocado às margens devido ao processo de colonização dos países do sul geográfico e, conforme afirma Santos e Meneses (2010), também metafórico.

Assim, nossa pesquisa faz alusão direta à obra “Epistemologias do Sul” (SANTOS; MENESES, 2010), no qual o autor e a autora designam o Sul:

[...] metaforicamente como um campo de desafios epistêmicos, que procuram reparar os danos e impactos historicamente causados pelo capitalismo na sua relação colonial com o mundo. Esta concepção do Sul sobrepõe-se em parte com o Sul geográfico, o conjunto de países e regiões que foram submetidos ao colonialismo europeu e que [...] não atingiram níveis de desenvolvimento econômico semelhantes ao do Norte global (Europa e América do Norte). [...] A ideia central é [...] que o colonialismo, para além de todas as dominações por que é conhecido, foi também uma dominação epistemológica, uma relação extremamente desigual de saber-poder que conduziu à supressão de muitas formas de saber próprias dos povos e ou nações colonizadas. As epistemologias do Sul são o conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam essa supressão, valorizam saberes que resistiram com êxito e investigam as condições de um diálogo horizontal entre conhecimentos (p.19)

Santos (citado por SANTOS; MENESES, 2010, p.15) acrescenta ainda: “Uma epistemologia do Sul assenta em três orientações: aprender que existe o Sul; aprender a ir para o Sul; aprender a partir do Sul”.

A escolha pela citada linha também se deu pelo desejo de tornar o mundo mais humanizado, fortalecer os diálogos, acreditando, como Brandão (2014):

Que tudo o que criamos com o exercício da pesquisa – ele mesmo uma experiência de educação – e tudo o que vivemos como educadores deve ser vivido como momentos e interações compreendidas não como atividades provisórias e antecipadamente calculáveis, segundo princípios de uma utilidade instrumental cujo lugar de destino é apenas o trabalho produtivo, principalmente quando o exercício deste trabalho serve ao poder e aos interesses do mundo dos negócios. Creio que, antes de mais nada, todo o nosso trabalho em pesquisa o que quer que seja deve desaguar em uma das muitas dimensões de uma ação social e, entre elas, de uma educação vivida e pensada como uma experiência socialmente

perene e pessoalmente permanente na vida de cada um de seus sujeitos: pessoas e povos (p.13).

Concordando com Araujo-Olivera (2014) trata-se de descolonizar o saber, de desconstruir significados e compreensões homogeneizantes, tidos como universais, para nos abirmos a jeitos de ser, de viver, de pensar, de organizar e significar a vida dos povos que foram colonizados e/ou escravizados, sofreram e sofrem a tentativa de europeizá-los ou de parecer com europeus.

Ou ainda conforme Dussel (2009), com o advento da modernidade e da Europa como “centro” do mundo, criou-se o mundo colonial e a ideologia de superioridade da cultura europeia, que por sua vez visou justificar o sacrifício do indígena, a escravização do negro, a opressão da mulher, da criança e alienação da cultura popular. Ainda sim esses grupos, comunidades e povos conduzem e organizam suas vidas sem renunciar a sua história, a sua cultura, transformando-se e humanizando-se.

Com tais premissas, entendemos que tal pesquisa poderá contribuir para o desenvolvimento de novas metodologias de trabalho pedagógico com Capoeira, trazendo subsídios a discussões na área de Educação e de Educação Física, inclusive aprimorando processos de ensino e aprendizagem no sentido do desenvolvimento de uma práxis pedagógica que possibilite compreensão da Capoeira, enquanto manifestação de matriz africana gestada no seio da cultura popular, podendo favorecer educação das relações étnico-raciais, inclusive com repercussões no contexto escolar.

Subsequentemente, apresentamos o capítulo Cultura Popular, no qual tratamos sobre a polarização entre cultura popular e cultura erudita existente no Brasil, assim como a grande desvalorização da cultura popular.

No capítulo Educar e Educar-se na Cultura Africana e Afro-Brasileira, discorreremos sobre a maneira de perceber e se postar ao mundo de comunidades africanas e afro-brasileiras, ligadas à oralidade e ancestralidade, ainda muito preservadas dentro dos grupos de Capoeira no Brasil.

O capítulo Capoeira Enquanto uma Prática Social apresenta a capoeira como uma manifestação de resistência à violência que o povo negro escravizado foi submetido, uma prática social que constrói conhecimentos, repassa valores e tradições de matriz africana.

No capítulo A Capoeira Regional de Mestre Bimba: breve compreensão, tratamos da criação da Capoeira Regional por Mestre Manoel dos Reis Manchado, Mestre Bimba, o

contexto em que foi criada e as mudanças envolvendo sua prática e modos de se relacionar com a sociedade.

Já no que diz respeito à Trajetória Metodológica, foi apresentada a perspectiva metodológica utilizada no trabalho. Também foram apresentados, o Mestre Izael e a Associação Cultural e Desportiva Pena de Ouro. Falamos um pouco sobre sua vida, início na capoeira, a vida dedicada à Capoeira com mais de quarenta anos de prática e sobre a criação da Associação Cultural e Desportiva Pena de Ouro.

Assim seguimos para a Construção dos Resultados, onde apresentamos a Matriz Nomotética e as seguintes categorias construídas: A) Pedagógica de Mestre Izael, B) Valorização do Mestre Izael pela Comunidade, C) Enquanto Descanso, Carrego Pedra – Resistência e Ancestralidade.

Em nossas considerações, buscando responder à questão de pesquisa, apontamos alguns processos educativos observados nas aulas de Capoeira junto ao Mestre Izael e reforçamos esses processos educativos trazendo alguns resultados de pesquisas anteriores com esta mesma temática.

## 2 Cultura Popular

Quando falamos de cultura no Brasil, logo se nota uma polarização entre a cultura popular e erudita.

Bosi (1992), refletindo sobre o assunto, afirma que os saberes e conhecimentos que tais faixas abrangem não são considerados como opostos ou antagônicos, mas essa classificação nos indica a presente hierarquização das culturas na sociedade brasileira. Nesse conjunto, a cultura dominante ainda é a cultura das elites, valendo inclusive nos sistemas escolares. Assim vemos de um lado uma cultura erudita, ligada ao sistema educacional, universidades, do outro uma cultura popular diretamente ligada ao povo, criada pelo povo, grupos marginalizados, mulheres e homens empobrecidos/as. E prossegue Bosi (1992):

Se pelo termo *cultura* entendemos uma herança de valores e objetos compartilhada por um grupo humano relativamente coeso, poderíamos falar em uma cultura erudita brasileira, centralizada no sistema educacional (e principalmente nas universidades), e uma *cultura popular*, basicamente iletrada, que corresponde aos mores materiais e simbólicos do homem rústico, sertanejo ou interiorano, e do homem pobre suburbano ainda não de todo assimilado pelas estruturas simbólicas da cidade moderna (p.309).

Consideramos, assim como Bosi (1992) que cultura popular está inteiramente ligada a um modo de vida, emerge de um cotidiano simbólico, físico e imaginário de homens e mulheres, vai desde a maneira de se vestir até a forma de plantar e colher, lidar com a terra.

Cultura popular implica modos de viver: o alimento, o vestuário, a relação homem-mulher, a habitação, os hábitos de limpeza, as práticas de cura, as relações de parentesco, a divisão das tarefas durante a jornada e, simultaneamente, as crenças, os cantos, as danças, os jogos, a caça, a pesca, o fumo, a bebida, os provérbios, os modos de cumprimentar, as palavras tabus, os eufemismos, o modo de olhar, o modo de sentar, o modo de andar, o modo de visitar e ser visitado, as romarias, as promessas, as festas de padroeiro, o modo de criar galinha e porco, os modos de plantar feijão, milho e mandioca, o conhecimento do tempo, o modo de rir e de chorar, de agredir e de consolar (BOSI, 1992, p.324).

Dussel (1982, p.277) afirma que a “cultura popular, [...] longe de ser uma cultura menor, é o centro mais incontaminado e irradiativo da resistência do oprimido contra o

opressor”, ou seja, é a forma de manter vivas as tradições, fonte de vida e criação do povo. Corroborando Fiori (1986, p.10) escreve: “[...] a cultura popular é a cultura do povo [...], de mulheres e homens que trabalham e humanizam o mundo reproduzindo a si mesmos, em comunhão”. Foganholi (2015) acrescenta que devemos observar a potencialidade transformadora e conscientizadora da cultura popular, mas adverte que ainda temos no Brasil uma hipervalorização de culturas externas:

No Brasil, podemos frequentemente observar essa atribuição de maiores valores a uma cultura externa simultaneamente ao comportamento de desvalorização e até ridicularização de uma cultura própria. No ambiente escolar, por exemplo, não é rara a prática de atividades artísticas e/ou da cultura corporal de origem europeia ou estadunidense em detrimento de práticas de origem nacional, ou o próprio desconhecimento destas últimas (FOGANHOLI, 2015, p.45).

Acrescento observar esta desvalorização também no que diz respeito à prática social Capoeira, tema deste estudo, que apesar de ser considerada patrimônio imaterial do país (IPHAN, 2008) e patrimônio histórico da humanidade (CAPOEIRA, 2014), é ainda desconhecida por grande parte da população brasileira e pouco trabalhada no contexto dos componentes curriculares escolares em todos os níveis de ensino.

O desconhecimento e a desvalorização da cultura popular é a negação de nossa própria história e tradição (DUSSEL, 1982), gerando alienação e rejeição a nossa própria cultura e, não raro, valorizando o que é externo. Também chama atenção Freire (2011) quando comenta sobre o processo de invasão cultural a que estamos submetidos e a necessidade de nossa atenção, reflexão, crítica e resistência.

Como aponta Foganholi (2015, p.45) “[...] ainda cultivam a alienação daqueles que constituem uma elite minoritária, que tem acesso às instituições educacionais (cultura ilustrada), nas quais provavelmente irão se reproduzir os mesmos mecanismos de alienação e dominação em relação ao povo”.

Para Freire e Macedo (1990):

Na contradição entre dominante e dominado, há um conflito cultural e de classe. Esse conflito é de tal ordem que o dominante minará as forças do dominado, negando-lhe a essência de sua própria cultura como algo que existe em sua experiência e por meio da qual ele também existe. [...] O dominante precisa inculcar no dominado uma atitude negativa em relação a sua própria cultura. Aquele estimula este último a rejeitar sua própria cultura, instilando nele uma falsa compreensão de sua cultura como algo feio e inferior. Além disso, o dominante impõe ao dominado seu modo de

ser, de falar, de dançar, seus gostos e até mesmo seu modo de comer (p.129-130).

Corroborando Foganholi (2015) que:

A valorização das culturas populares implica, em um primeiro momento, o seu conhecimento, ou seja, conhecer a própria existência das manifestações populares que não são amplamente divulgadas, nem mesmo ou tampouco nos meios acadêmicos. Nas universidades brasileiras, por exemplo, mesmo com a presença de grupos de estudos que promovem a pesquisa e a extensão nessa área, é possível observar o desconhecimento de grande parte dos docentes e discentes acerca das danças das culturas populares do país. É possível verificar nas grades curriculares dos cursos de licenciatura, sobretudo os de Educação Física e Pedagogia, a ausência de componentes curriculares sobre o tema. Para os discentes das carreiras de licenciatura, o conhecimento e o diálogo contextualizado das danças e de outras manifestações das culturas populares estarão provavelmente ausentes em sua formação, e eles, por sua vez, devem reproduzir a privação de tais conhecimentos quando atuarem nos ambientes escolares (p.51).

Faz-se mister, portanto, conhecer e reconhecer estratégias e propostas educacionais próprias da cultura popular no contexto latino-americano, observando-a como um modo de ser e estar no mundo na perspectiva do povo, que são criadores e protagonistas dessa cultura e, no contexto desta dissertação, da Capoeira, entendida enquanto manifestação de matriz africana gestada na esfera da cultura popular.

### 3 Educar e Educar-se na Cultura Africana e Afro-Brasileira

Tratando-se a Capoeira de uma manifestação de matriz africana julgamos imprescindível dialogar no contexto desta dissertação com alguns referenciais de autores/as africanos/as e afro-brasileiros/as que descrevem esta tradição e a maneira de perceber e se postar ao mundo.

Em acordo com Tedla (1995) na visão de mundo africana é fundamental considerar alguns princípios, dentre eles o representado pelo adinkra *sankofa* (figura 1), o qual faz referência a pássaro do território africano que se alimenta de sementes que caem em suas costas. O sentido metafórico está em voltar-se para trás para se alimentar, alimentando-se também da ancestralidade, retornando para a fonte e buscando o alimento, onde a fonte é nossa cultura, herança e identidade. Em suma, *sankofa* significa que para nos movermos a frente precisamos retornar ao passado buscando nossas raízes.



**Figura 1:** Adinkra Sankofa (fonte: [http://www.adinkra.org/images/sank2\\_lg.gif](http://www.adinkra.org/images/sank2_lg.gif)).

Ainda conforme Tedla (1995), na visão africana, as pessoas se remetem ao princípio de comunidade, de coletividade, assumindo uma relação orgânica entre os membros. Nesta perspectiva ser uma pessoa, é estar pronta para dividir, para ajudar ao próximo. Nesse sentido percebemos outro princípio da visão de mundo africana, além da ancestralidade aludido pela expressão *sankofa*, o princípio *ubuntu*. Afirma Tutu (2012): “Uma pessoa é uma pessoa por intermédio de outras pessoas” (p.41). “*Ubuntu* é a essência do ser humano” (p.42), tal princípio alude que uma pessoa só pode atingir a humanidade associada à de outra pessoa, em comunidade (comum-unidade). Continua Tutu (2012), que diferentemente do “Penso, logo existo” eurocêntrico de Descartes, na perspectiva africana

“Existo porque pertença”: preciso de outros seres humanos para *ser*. “Posso ser eu só porque nós somos, pois somos feitos para a complementaridade. Somos criados para uma rede delicada de relacionamentos, de interdependência com os nossos companheiros seres humanos, com o restante da criação” (p.42).

Reforça Silva (2009) que nas comunidades tradicionais africanas a ancestralidade mantém viva as tradições e os rituais, o que faz com que as pessoas se fortaleçam, possibilitando assim que essas comunidades possam estar sempre conectadas com seus antepassados.

Prossegue Silva (2009) que a ancestralidade está na base da história e das culturas de raiz africana, são fundadores dos diversos grupos humanos. “Os ancestrais não somente fundam comunidades, mas também lhes garantem a vida e a permanência no tempo e espaço” (p.43). As ligações entre os antepassados e os seus descendentes lhes permitem sempre a volta às suas raízes e a construção do seu jeito de ser e de viver no mundo e com o mundo.

Em outros termos o modo de viver nas comunidades tradicionais africanas implica em sentir, preservar e valorizar seus antepassados, sendo comum os mais jovens consultarem ou pedirem orientações aos mais velhos e mesmo aos ancestrais. Essas tradições são passadas através do tempo, de geração em geração, possibilitando que as futuras gerações, por meio de transmissão oral, também conheçam a cultura, as histórias e as lutas de seu povo.

Aponta Silva (2009) que as ligações entre os antepassados estão em forma de provérbios e histórias transmitidos oralmente:

Os provérbios e as histórias, transmitidos oralmente, guardam a filosofia, a história de um povo, de suas raízes culturais. Observando a natureza, o ambiente onde se vive as relações entre pessoas, vai-se construindo conceitos, atitudes diante da vida das pessoas. Assim se formulam provérbios que, como as histórias, permitem a quem os ouve estabelecer relações entre fatos, comparar situações, tirar conclusões, formular opiniões, posições, julgamentos (p.45).

E por meio dessas histórias e provérbios as pessoas vão se educando, conhecendo e aprendendo a interpretá-las e ganhando experiência. “A experiência e filosofia da África encontram-se codificados em seus símbolos, rituais, projetos, artefatos, música, danças, provérbios, adivinhas, poemas, textos de bateria, arquitetura, tecnologia, ciência e tradições orais” (TEDLA, 1995, p.2-3).

Do ponto de vista africano uma pessoa se educa, constrói sua vida e sua individualidade no seio de uma comunidade que a fortalece e que é por cada um fortalecido à medida que elabora conhecimentos e aprendizagens (TEDLA, 1995).

Todas essas tradições contribuem para construção da cultura afro-brasileira, como aponta Gomes (1997):

Trata-se de reconhecer que existe produção cultural que é realizada pelos negros, a qual possui uma história ancestral, que nos remete à nossa origem africana. Assim, a dança, a música, a religião, os ritos, as tradições, as festas do povo negro no Brasil, apesar de sofrerem a incorporação de culturas de outros grupos étnico/raciais, possuem algo peculiar que é próprio da ancestralidade africana e que não pode ser retirado, pois garante a nossa identidade (p.22-23).

Afirma Silva (2003) que a tradição oral é fundamental para compreender os modos próprios de educar e de se educar encontrados juntos à população negra. A tradição oral confere à história do continente africano uma força original, e por isso as pessoas mais velhas, mais experientes, são tidas como “museu vivo”, pois nelas se encontram as histórias das produções socioculturais e das lutas dos povos africanos e seus descendentes.

Em acordo com Silva (2003) ações visando uniformizar culturas que se defrontam numa mesma sociedade as descaracterizam, conforme a perspectiva eurocêntrica ao menosprezar e folclorizar saberes ancestrais africanos. Experiência essa que, prossegue a autora, vem sofrendo os brasileiros descendentes de africanos.

Para Silva (2003):

A tradição oral é uma manifestação da tradição cultural, e como ela encerra conjunto de significados, que se apresentam com continuidade e constância entre membros de um mesmo grupo étnico-racial. Encontram-se tais significados inscritos em intenções, projetos, posicionamentos, avaliações, articulados no agir e intervir no ambiente. Trata-se de patrimônio ancestral intangível que sobrevive, com renovados contornos, como que ocultado, mas sempre compartilhado (p.87).

Percebemos como são fortes as ligações dos povos africanos e da diáspora com os seus antepassados por meio da oralidade com a cultura e visão de mundo que produz e recria o seu *ethos*. Assim sendo, manter a ligação com nossos antepassados é de fundamental importância para saber quem somos, de onde viemos e para onde vamos. Construir nossa identidade, preservar nossa cultura, tradições e rituais, nos fortalecendo

enquanto comunidade, passando para nossos filhos o que aprendemos para que eles transmitam para seus filhos e assim por diante.

É por meio da ancestralidade que as comunidades tradicionais africanas reconstituem o mundo africano onde quer que estejam. Assim, notamos a importância de cultivar as nossas raízes, de sempre procurar saber de onde viemos, somente assim é possível preservar a nossa cultura e identidade. A preservação e valorização dos antepassados se faz ainda muito presente dentro dos grupos de Capoeira, que através da oralidade mantém suas tradições e sua história ancestral.

O modo de aprender e ensinar nas rodas de Capoeira, por exemplo, segundo Abib (2005), “[...] guarda muito da pedagogia do africano”. Essa pedagogia do africano conduz os aprendizes a uma sensação de acolhimento já pelo toque das mãos dos velhos Mestres de Capoeira, ao conduzir seus movimentos de braços e pernas aos caminhos sinuosos da Capoeira. “Essa forma de aprender e ensinar passa pela proximidade que deve existir entre o Mestre e o aprendiz. Uma proximidade corporal em que o afeto, a atenção e a disponibilidade do Mestre se mostram integralmente” (ABIB, 2005, p.179).

A Capoeira nos traz muito da cultura africana através dos ensinamentos dos Mestres aos seus discípulos: os rituais e as tradições, as conversas, cantos, danças, músicas, gestualidade, características do modo de vida dos povos africanos que se preservaram no decorrer do tempo no meio da capoeiragem, apesar de toda a repressão sofrida e a incorporação de elementos de outras culturas, necessárias para a continuidade de sua existência.

Segundo Abib (2005):

A Capoeira, ao buscar constantemente os vínculos com essa ancestralidade africana, e também com a ancestralidade que tem como referência os tempos da escravidão no Brasil, e, posteriormente, os tempos remotos da capoeira de rua, das desordens e vadiagens, busca estabelecer o elo entre o seu passado ancestral, o seu presente constituído e o seu futuro enquanto possibilidade concreta de afirmação social, cultural e política (p.188).

Os grupos de Capoeira se constituem como comunidades, “[...] território de convivências, se formam e mantêm no conjunto de relações entre as pessoas, o que possibilita a cada uma exercer, desenvolver, enriquecer suas energias, potencialidades, poderes” (SILVA, 2003, p.88). Para a autora:

As comunidades, assim como os estabelecimentos de ensino, promovem conhecimentos, que serão úteis se responderem de modo consistente às exigências da vida. Muitos deles decorrem de valores de refúgio, ou seja, de valores que sobreviveram à opressão da escravidão, da colonização, do racismo. Mas também valores que mesmo tendo sido construídos nessas circunstâncias, se constituem em possibilidades de proteção, segurança, fundamento. Entre eles se destacam o trabalho, a religião, a escolarização (por incrível que pareça!), o direito de tornar os sonhos realidade (SILVA, 2003, p.88).

Segundo Silva (2003), a educação para comunidades tradicionais africanas tem sentido distinto do europeu:

Entre africanos o termo educação é utilizado para referirem-se a conhecimentos, valores e posturas ensinados em estabelecimentos de ensino, essa palavra não existe nas línguas tradicionais africanas, ela entra na África com as escolas, tais como concebidas, organizada e implantada pelos europeus. Entre afrodescendentes (Brasil, Peru, Porto Rico, Estados Unidos) o emprego dos termos, educar e ser educado, estão ligados à postura, valores, comportamentos, conhecimentos reconhecidos pela classe social e grupo racial branco que detém o poder de governar as sociedades de que aqueles embora façam parte, são excluídos. Tanto os africanos quanto afrodescendentes referem-se ao sentido amplo de educar e educar-se como se tornar pessoa, o que traduzem como aprender a conduzir a própria vida. (p.181-197).

Ou seja, o sentido de educar no pensamento africano está associado a *tornar-se pessoa*, a humanizar e a humanizar-se, viver e se fortalecer com e para a sua comunidade, e aprender a conduzir a própria vida.

Ainda sobre aprender a conduzir a própria vida, Silva (2003) afirma que:

Aprender a conduzir a própria vida é, pois, um processo de constantes trocas com quem se convive, na família, no próprio grupo étnico-racial, no trabalho e em outros ambientes como terreiros e igrejas, sindicatos, escolas. Nele se é incentivado a afirmar ou a negar a origem étnico-racial, a assumir outra alheia como se fosse própria, sem conseguir, no entanto, apagar totalmente a primeira (p.92).

Dentro dos grupos de Capoeira “[...] esse aprendizado, desenvolvido nas rodas e no jogo da capoeira, torna-se então um aprendizado social, a partir do momento que o praticante de capoeira é capaz de fazer analogias entre sua prática na roda de capoeira, e as possibilidades de utilizar esse aprendizado na ‘roda da vida’” (ABIB, 2005, p.189).

Desta forma, o educar e educar-se na roda de Capoeira implica em manter vivas as tradições ancestrais, resistir a tudo aquilo que de uma forma ou de outra pode levar ao esquecimento de suas raízes africanas.

## 4 Capoeira enquanto Prática Social

Segundo Oliveira e col. (2014):

Práticas sociais decorrem de e geram interações entre os indivíduos e entre eles e os ambientes, natural, social e cultural em que vivem. Desenvolvem-se no interior de grupos, de instituições, com o propósito de produzir bens, transmitir valores, significados, ensinar a viver e a controlar o viver, enfim, manter a sobrevivência material e simbólica das sociedades humanas (p.33).

Ao participar de uma prática social, dentro de um grupo, comunidade, instituição, associação, as pessoas se apropriam de valores ali edificadas e compartilhadas, conhecimentos construídos, tradições que são preservadas naquele ambiente, também lidam com os conflitos decorrentes daquela prática seja ela qual for, assim como a resolução dos problemas existentes naquele meio.

Ao participarem de diferentes práticas sociais, as pessoas se apropriam de valores e comportamentos de seu tempo e lugar e lutam por sua existência. Em suas interações, as pessoas expõem seus modos de ser e perceber o mundo, elas desenvolvem e transmitem estratégias para solucionar os problemas que lhe desafiam em seu cotidiano. São distintos os objetivos das práticas sociais, dessa forma, elas podem tanto enraizar e manter vivas as tradições, valores e postura de certo grupo, como podem desenraizar, negando a cultura de determinado povo. O tráfico de pessoas africanas para as Américas foi uma prática de desenraizamento, em contrapartida, a capoeira praticada por africanos ao chegarem aqui no Brasil, pode ser entendida como uma prática que levava ao enraizamento, pois se configurou como uma manifestação de resistência à violência que essas pessoas eram submetidas (SOUSA, 2009, p.4).

A Capoeira, portanto, surge em território brasileiro como resistência e luta de africanos e afro-brasileiros devido ao que Memmi (1989) denominou como um dos mais tristes e dolorosos períodos da história da humanidade, o da colonização das Américas pelos povos europeus e com isso o uso de mão de obra escravizada de povos africanos durante quatro séculos.

A prática da Capoeira revela-se contra a violenta opressão daqueles que escravizavam e desumanizavam os negros. Freire (2011) aponta que:

Humanização e desumanização, dentro da história, num contexto real, concreto, objetivo, são possibilidades dos homens como seres inconclusos e conscientes de sua inconclusão. Mas, se ambas são

possibilidades, só a primeira nos parece ser o que chamamos de vocação dos homens. Vocação negada, mas também afirmada na própria negação. Vocação negada na injustiça, na exploração, na opressão, na violência dos opressores. Mas afirmada no anseio de liberdade, de justiça, de luta dos oprimidos, pela recuperação de sua humanidade roubada (p.40).

Foi a luta por sua humanidade roubada, negada e, contra a opressão de seus escravizadores que escravizados criaram a Capoeira buscando protagonizar sua própria história. Em relação a protagonizar sua própria história, Fiori (1991) afirma “[...] que o ser do homem só é verdadeiramente pessoa enquanto dono do seu destino, enquanto capaz de consciente e livre autodeterminação. Não se trata, apenas, de escolher; trata-se de dominar-se e realizar-se - não só de liberdade inicial, mas liberdade de autonomia” (p.237).

De toda forma à Capoeira tem sua origem ainda muito discutida por todos que resolvem estudá-la. São frequentes as perguntas sobre onde e quando a capoeira surgiu, esclarecimentos difíceis de serem dados de modo conclusivo por serem escassos os documentos a respeito da escravidão negra no Brasil, decorrente, segundo Gonçalves Junior (2009) da ordem impetrada por Rui Barbosa, então Ministro da Fazenda no primeiro governo republicano do Brasil, exercido por Deodoro da Fonseca, de queima de documentos que atestavam toda a engrenagem da escravidão (Resolução de 15/11/1890). Considerou Rui Barbosa, que a escravidão era uma mancha que deveria ser apagada da história do país. Havia também, uma séria questão econômica em voga, e ao eliminar os vestígios da escravidão, Rui Barbosa apaga também a queixa dos produtores, fazendeiros e daqueles que lucravam com o tráfico interno e externo que exigiam indenizações pelo fim da escravidão (BARBOSA, s/d).

Para Sodré (2002) e Abib (2005), o importante não é o começo, a data histórica, mas é o princípio, questões que a geraram e que a mantém em expansão. Consideram que a capoeira é uma criação de africanos em solo brasileiro a partir de danças rituais como o N’Golo. Abib (2005) acrescenta que no caso da capoeira, a historicidade – o “começo” – é brasileiro, mas o “princípio” – tanto o fundamento, quanto o mito – é africano (p.130).

Para Rego (1968):

No caso da capoeira, tudo leva a crer que seja uma invenção dos africanos no Brasil, desenvolvida por seus descendentes afro-brasileiros, tendo em vista uma série de fatores colhidos em documentos escritos e sobretudo no convívio e diálogo constante com capoeiras atuais e antigos que ainda vivem na Bahia, embora, em sua grande maioria, não pratiquem mais a capoeira (p.31).

Vale destacar que somente em 1888, com inúmeras pressões internacionais, ocorre a Libertação dos Escravos, após assinatura da Lei Áurea por Princesa Izabel, sendo o Brasil um dos últimos países que manteve a escravização. Em 1889 é proclamada a república, porém, a exemplo do regime imperial, deu continuidade à política de perseguição aos negros e suas manifestações culturais.

Neste sentido, o decreto nº 487 do Código Penal da *República dos Estados Unidos do Brasil*, de 11 de outubro de 1890, no capítulo XIII, que tratava dos “Vadios e Capoeiras”, previa:

Art.402 - Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal, conhecidos pela denominação de capoeiragem, andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou inculcando temor ou algum mal:

Pena de prisão celular de dois a seis meses.

Parágrafo Único - É considerada circunstância agravante pertencer o capoeira a algum bando ou malta. Aos chefes ou cabeças se imporá a pena em dobro.

Art.403 - No caso de reincidência será aplicada ao capoeira, no grau máximo, a pena de um a três anos, a colônias penais que se fundarem em ilhas marítimas, ou nas fronteiras do território nacional, podendo para esse fim ser aproveitados os presídios militares existentes.

Art.404 - Se nesses exercícios de capoeiragem perpetrar homicídio, praticar alguma lesão corporal, ultrajar o pudor público e particular, perturbar a ordem, a tranquilidade ou segurança pública ou for encontrado com armas, incorrerá cumulativamente nas penas combinadas para tais crimes (citado por REGO, 1968).

Associando a capoeira a grupos marginalizados o governo da primeira república praticou repressão sistemática a essa prática social.

Em acordo com Gonçalves Junior (2009), na década de 1930, Getúlio Vargas buscando o apoio das massas populares legaliza o voto feminino, do analfabeto e do soldado, além de extinguir a proibição de cultos afro-brasileiros e da prática da capoeira.

Para Lima (1990), Vargas objetivava a integração e homogeneidade do país e atendeu algumas reivindicações dos trabalhadores, liberando uma série de manifestações populares, entre elas a capoeira, restringindo-a, no entanto, a recintos fechados, criando uma forma de controle sobre a mesma.

Neste contexto, conforme Gonçalves Junior (2009), em 1937, o governo Vargas formaliza o ensino da capoeira e concede, a Manoel dos Reis Machado, o Mestre Bimba (1899-1974), o alvará do Centro de Cultura Física Regional, em Salvador – Bahia. Bimba criou sistematização de seu ensino com oito sequências de golpes e contragolpes realizadas em duplas objetivando melhor fixação dos movimentos. Estabeleceu assim, a luta regional baiana, posteriormente denominada de Capoeira Regional.

Ainda em acordo com Gonçalves Junior (2009), em contraposição a Capoeira Regional, Vicente Ferreira Pastinha, o Mestre Pastinha (1889-1981), organiza e funda, em 1941, o Centro Esportivo de Capoeira Angola. Visava Pastinha preservar o que julgava ser a verdadeira capoeira, baseada na tradição africana, imbuída de ritualidade, ludicidade, teatralidade e musicalidade.

Com a constituição das escolas Regional e Angola se inicia um processo de rivalidade entre capoeiras que, em certa medida, se mantém até os dias de hoje (ABIB, 2005; GONÇALVES JUNIOR, 2009; CAMPOS, 1990; LIMA, 1990; OLIVEIRA, 1993; REGO, 1968; SILVA, 1979).

Por outro lado, a capoeira, outrora prática criminosa, desde julho de 2008, é reconhecida enquanto patrimônio cultural imaterial brasileiro (IPHAN, 2008).

Concordando com Câmara (2004), entendemos a capoeira enquanto manifestação da cultura africana e afro-brasileira que se encontra enraizada na memória deste povo desde sua origem, mesmo modificando-se no contato com outras culturas e continua sendo identificada com a luta pela liberdade dos negros africanos e seus descendentes escravizados no Brasil.

Assim, ao estudarmos a história da capoeira vemos sentido na expressão proposta por Oliveira (1993) referindo-se a prática social capoeira na atualidade como “jogo-de-luta-dançada”, ou seja, à ideia de que a conclusão de um golpe nem sempre mostra a superioridade de um capoeira sobre outro, e insinuar a possibilidade da efetivação pode ser melhor. Ao mesmo tempo, ao insinuar ou encenar, o capoeirista brinca de lutar e, de forma lúdica, realiza a capoeira como jogo. Acrescenta também que a musicalidade das rodas flui como dança na corporeidade do capoeirista. Assim, compreende a capoeira de forma ambígua, possibilitando a construção do trinômio “jogo-de-luta-dançada”.

Conforme Nogueira (2013) a Capoeira, enquanto uma prática social, constrói conhecimentos, repassa valores e tradições, tradições essas de matriz africana: os velhos mestres, as ladainhas cantadas, a dança, a luta, o jogo, tudo isso representa expressão da tradição oral africana, recriada no contexto brasileiro (NOGUEIRA, 2013).

Portanto, a capoeira como uma prática social nos leva a conhecer um pouco da história e cultura do povo africano e de seus descendentes no Brasil, a luta do negro por sua liberdade, sua humanidade e corporeidade.

Diante disso, buscamos nesta pesquisa, identificar, descrever e compreender os processos educativos desencadeados na relação Mestre-Aprendiz no contexto das aulas de Capoeira da Associação Cultural e Desportiva Pena de Ouro, ministradas pelo Mestre Izael Teixeira.

## 5 Capoeira Regional de Mestre Bimba: breve compreensão

Em virtude desta pesquisa ser desenvolvida em uma associação em que o Mestre responsável, Izael Teixeira, se filia à Capoeira Regional, afirmando seguir em suas aulas a metodologia criada pelo Mestre Manoel dos Reis Machado, mais conhecido como Mestre Bimba, apresentamos, neste tópico, uma breve compreensão da denominada Capoeira Regional, a qual além de fundamentarmos na literatura existente, também complementamos com informações da experiência do próprio autor, com mais de 15 anos treinando/estudando Capoeira.

Em 1928, Mestre Bimba cria a Luta Regional Baiana, que veio a ser conhecida e difundida como Capoeira Regional, sendo consolidada a partir de 1930, quando o citado Mestre fundou o Centro de Cultura Física Regional. Há, ainda, muitos questionamentos sobre a criação da Capoeira Regional que causa polêmica até os dias de hoje, dentre elas, se ao criar uma metodologia de ensino da Capoeira, contendo oito sequências de golpes e contragolpes, sequência de cintura desprezada ou balão cinturado, Mestre Bimba teria deixado de preservar os fundamentos mais ancestrais da capoeira.

Segundo Capoeira (2001):

Estes golpes ligados confundiram muita gente famosa: escritores, jornalistas, biógrafos etc., todos afirmando tratar-se de golpes oriundos do Judô, Jiu jitsu, Savate, etc. Onde Mestre Bimba, nos idos de 1920 e 30, viu o Judô, se ele não existia por aqui? Quem ensinou Jiu jitsu e Savate ao mestre Bimba, para que ele pudesse utilizá-los mais tarde? Cabe aqui outra pergunta: quem ensinou os africanos e índios brasileiros a lutar ligados, como fazem até hoje? A nossa mania de importação é que levou estes senhores, “donos de todas as verdades”, a, com suas declarações e pesquisas apressadas, tentar adulterar a obra de mestre Bimba, a sua regional, que sobreviveu a todos eles (p.91).

Podemos então entender que, Mestre Bimba, criou uma nova sistematização de ensino e aprendizagem que muito se diferenciava da forma até então desenvolvida no ensino da Capoeira, sobretudo envolvendo sequências pré-determinadas para treinamento.

Para Decanio Filho (1997), ex-aluno de Mestre Bimba, a criação da Luta Regional Baiana, conhecida nos dias de hoje como Capoeira Regional, está diretamente ligada a acontecimentos históricos da década de 1930, ascensão de Vargas ao governo e liberação da prática de manifestações da cultura popular, por exemplo, bem como ao contato de

Mestre Bimba com seu primeiro aluno branco, de classe social abastada em Salvador, Cisnando Lima, o qual teria influenciado Bimba a ampliar o potencial bélico da Capoeira.

Prossegue Decanio Filho (1997) que:

Cisnando logo induziu o Mestre Bimba enriquecer o potencial bélico da arte negra pelo acréscimo de movimentos oriundos de outros processos culturais africanos e alguns, raros, de outras origens ampliando seus recursos pugilísticos e a registrá-la sob uma nova denominação, batismo que disfarçaria sua origem numa atividade legalmente proscrita. Naquele momento histórico era este o caminho adequado à introdução da capoeira na estrutura social da época, não fazendo modificação alguma capaz de descaracterizar a capoeira em si, ou alterar seus rituais consolidados senão uma adaptação as leis vigentes para proteção dos aficionados contra os abusos de poder dos encarregados do cumprimento das leis (p.117).

De modo que, para Decanio Filho (1997), a criação da Capoeira Regional por Mestre Bimba em nada descaracterizou a Capoeira em si, como também não alterou seus rituais ou deixou de preservar seus fundamentos mais ancestrais, se tratando apenas de cultura viva e, portanto, não estática.

Sodré (2002) diz que “Manoel dos Reis Machado, tornou-se Mestre Bimba, angoleiro, como mandava o figurino do jogo em sua época. Mas o figurino mudava rapidamente, o que o deixava insatisfeito” (p.40).

Para entender esta insatisfação de Mestre Bimba é indispensável saber o que era a Capoeira baiana entre 1888/1889 (Libertação dos Escravos/ Proclamação da República) e década de 1930 (ascensão de Getúlio Vargas ao governo do Brasil), bem como a Capoeira praticada no Rio de Janeiro e no Recife no citado período histórico.

Em acordo com Silva (1979), os Capoeiras em Recife, moleques ligados a bandas de música, assim figuravam:

O nosso Capoeira é antes o moleque de frente de música, em marcha, armado de cacete, e a desafiar os do partido contrário, que aos vivas de uns, e morras de outros, rompe em hostilidades e trava lutas, de que não raro resultam ferimentos, e até mesmo casos fatais! (p.25).

No Rio de Janeiro, em acordo com Silva (1979), os Capoeiras se organizavam em maltas, entre vinte e cem indivíduos, relacionadas a partidos políticos, por vezes para realizar arruaças e desmontar comícios dos partidos de oposição, sendo as maltas mais famosas Nagoas e Guaiamus.

Na Bahia, aponta Silva (1979) que:

Eram (os capoeiras) conhecidos à primeira vista pela atitude singular do corpo, pelo andar arrevesado, pelas calças de boca larga, ou pantalonas, cobrindo toda a parte anterior do pé, pela argolinha de ouro na orelha, como insígnia de força e valentia, e o nunca esquecido chapéu de banda. Ajusta-se tal descrição ao tipo do capoeira profissional, ou como tal visto e julgado (p.23).

Os Capoeiras, sejam do Rio de Janeiro, Bahia ou Recife, sempre estiveram envolvidos em grandes façanhas, ora em atos de heroísmo e bravura, ora ligados a arruaças e tumultos. “Os epítetos de cafajestes, criminosos e outros não eram sempre unânimes, uma vez que havia toda uma história de heroísmo e bravura atribuídas as maltas e personagens da capoeira enquanto luta de libertação e resistência do povo negro” (SODRÉ, 2002, p.40-41).

Segundo Campos (2009), mais conhecido no universo da Capoeira como Mestre Xereu, Mestre Bimba utilizou os seus conhecimentos da Capoeira e da luta denominada batuque. Afirma ainda que:

Todos os estudos sobre a Capoeira Regional apontam para uma insatisfação de Bimba com a prática da capoeira da época. Seu desagrado residia principalmente no modo como os capoeiristas estavam praticando a capoeira na rua, mostrando um lado folclórico, com intuito comercial, e fugindo da sua essência, distanciando-se da arte guerreira, eliminando os principais golpes e os movimentos tidos como decisórios e até mortais. Usavam, acima de tudo, um jogo de “pantomima” para enganar as pessoas, inclusive passando uma ideia de jogo baseado na arte da mímica, no contorcionismo do corpo, o que fazia os assistentes pensarem que estavam vendo uma demonstração de dança (p.53).

A Capoeira Regional de Mestre Bimba é composta por uma sequência de ensino que auxilia no desenvolvimento do aluno iniciante, ou seja, é uma sistematização prática para pessoas que estavam começando a prática da Capoeira. O objetivo era criar uma rápida correspondência no aluno, da necessidade de sempre que atacado aplicar uma defesa e um contra-ataque, criando assim uma situação de jogo e se condicionando para tal.

Para Dória (2011), mais conhecido no meio capoeirístico como Mestre Cafuné:

A sequência começa com os movimentos mais simples e na medida em que avança, ganha complexidade sucessivamente; os movimentos de defesa, com guarda baixa e negativa, aú e rolê se sucedem desde o primeiro ataque indo até os últimos movimentos durante todo o tempo

sem parar e assim o aluno aprende e se habitua a se defender e contra-atacar para o resto de suas vidas; os constantes movimentos de ataque defesa e contra-ataque são contínuos habituando e habilitando o novato para o jogo na roda (p.32).

Prossegue Campos (2009) que no momento em que o aluno iniciante tivesse aprendido as oito sequências era então iniciado na roda de Capoeira e poderia ser batizado.

As sequências, referenciadas por uma imbricação lógica de movimentos de ataque, defesa e contra-ataque, seguem sumariamente descritas no quadro 1.

**Quadro 1:** Descrição sumária das Oito Sequências de Mestre Bimba

	Aluno A	Aluno B
1ª. Sequência	1) Meia lua de frente com a perna direita 3) Meia lua de frente com a perna esquerda 5) Armada com a perna direita 7) Au rolê	2) Cocorinha 4) Cocorinha 6) Negativa
2ª. Sequência	1) Queixada com a perna direita 3) Queixada com a perna esquerda 6) Cocorinha 7) Benção 9) Au rolê	2) Cocorinha 4) Cocorinha 5) Armada com a perna direita 8) Negativa 10) Cabeçada
3ª. Sequência	1) Martelo com a perna direita 3) Martelo com a perna esquerda 6) Cocorinha 7) Benção 9) Au rolê	2) Esquiva lateral 4) Esquiva lateral 5) Armada com a perna direita 8) Negativa 10) Cabeçada
4ª. Sequência	1) Godame (cotovelada) com o braço direito 3) Godame (cotovelada) com o braço esquerdo  6) Esquiva 7) Arrastão 9) Au rolê	2) Bloqueio com a mão esquerda 4) Bloqueio com a mão direita 5) Galopante com a mão esquerda  8) Negativa 10) Cabeçada
5ª. Sequência	1) Arpão de cabeça  4) Joelhada	2) Esquiva 3) Cabeçada 5) Bloqueio com o antebraço

	7) Au rolê	6) Negativa 8) Cabeçada
6ª. Sequência	1) Meia lua de compasso com a perna direita 4) Cocorinha  5) Joelhada lateral 7) Au rolê	2) Cocorinha  3) Meia lua de compasso com a perna esquerda 6) Negativa 8) Cabeçada
7ª. Sequência	1) Armada com a perna direita  4) Cocorinha 5) Benção com a perna direita 7) Au rolê	2) Cocorinha 3) Armada com a perna esquerda  6) Negativa 8) Cabeçada
8ª. Sequência	1) Benção com a perna direita 3) Au rolê	2) Negativa 4) Cabeçada

As sequências são destinadas especialmente para os alunos iniciantes, ou seja, é um método para pessoas que estavam começando no mundo da Capoeira e não para formados. O objetivo era desenvolver rapidez na resposta a um golpe, da necessidade de sempre que atacado aplicar uma defesa e/ou um contra-ataque, simulando assim uma situação de jogo e melhor se preparando para tal.

Para além das oito sequências, dentro da Capoeira Regional de Mestre Bimba, há também: a cintura desprezada, tratando-se de uma sequência de golpes ligados e balões, também conhecidos como movimentos de projeção da Capoeira, pela qual o capoeirista projeta o companheiro, que deverá cair em pé ou agachado, jamais sentado (CAMPOS, 2009).

Quanto aos toques de berimbau da Capoeira Regional, em acordo com Campos (2009), recebiam de Mestre Bimba:

[...] muita atenção, pois este tinha uma preocupação toda peculiar com a musicalidade da capoeira, em particular com os toques de berimbau, justamente por acreditar que o bom capoeirista deveria sentir a marcação dos pandeiros e observar o toque, significado e ritmo (p.62).

Sendo os toques de berimbau característicos da Capoeira Regional: São Bento Grande, Santa Maria, Banguela, Amazonas, Cavalaria, Idalina, Iúna e o São Bento Pequeno, considerado este último o hino da Capoeira Regional.

A sistematização de ensino e de aprendizagem da Capoeira criada por Mestre Bimba implicou em grandes mudanças no contexto da época, como consta no Dossiê Inventário para Registro e Salvaguarda da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil (2007).

O surgimento dessa capoeira traz implícitas outras questões relacionadas à capoeira como um todo, envolvendo desde a sua prática até o seu modo de se relacionar com a sociedade. É necessário dizer que esse fenômeno acontece num contexto histórico em que se dá um processo de renovação institucional das manifestações culturais negras em busca de legitimação, legalização jurídica, construção de autonomia territorial, visibilidade na imprensa, aceitação social, afirmação cultural e maior expansão da sua prática para outras camadas sociais (DOSSIÊ, 2007, p.37).

A Capoeira Regional de Mestre Bimba implicou em grandes mudanças envolvendo sua prática e modos de se relacionar com a sociedade, mudanças necessárias devido ao contexto em que foi criada, mas essas mudanças em nada descaracterizaram a prática da Capoeira, conservando seus valores e sabedoria ancestral africana, pois, conforme Decanio Filho (1997): “[...] a sabedoria africana é expressa em parábolas e lições de vida (conhecimentos vivenciados) do Mestre, aforismos poéticos, sentenças, ditados populares, muito ao gosto da tradição oral afro-brasileira” (p.263), o que foi continuado pelo Mestre Bimba em sua sistematização de ensino e de aprendizagem.

## 6 Trajetória Metodológica

A pesquisa pautada na fenomenologia não se propõe à explicação de fatos, ou seja, de relações causais, mecânicas, mensuráveis, mas sim à busca pela compreensão dos fenômenos (do grego *phainoumenon*: luz que ilumina aquilo que está oculto), ou a consciência enquanto fluxo temporal de vivências, cuja peculiaridade é a imanência (compreendido na própria essência do todo) e a possibilidade de atribuir significados às coisas exteriores (TÁPIA, 1984). A fenomenologia busca a descrição de fenômenos, tendo a sua preocupação voltada para o mostrar, e não o demonstrar, sendo assim, a descrição prevê ou supõe um rigor, e através deste podemos chegar à essência do fenômeno (MARTINS; BOEMER; FERRAZ, 1990).

Segundo Machado (1994):

A preocupação central desta trajetória de pesquisa se dá com o ato de compreender, mais do que explicar o objeto de estudo. A fenomenologia significando discurso esclarecedor a respeito daquilo que se mostra por si mesmo, enquanto uma práxis ou forma de ação, opera através do método que investiga a experiência, no sentido de compreendê-la e não de explicá-la. Compreender diz respeito a uma forma de cognição que diverge da explicação. Compreender é tomar o objeto a ser investigado na sua intenção total, é ver o modo peculiar específico do objeto existir. Explicá-lo é tomá-lo na sua relação causal (p.35).

Nessa forma de investigação, o termo pesquisa ganha novo significado, passando a ser concebido como uma trajetória circular em torno do que se pretende compreender, não se preocupando com princípios, leis e generalizações, mas voltando o olhar à qualidade, aos elementos que sejam significativos para o pesquisador (GARNICA, 1997).

Merleau-Ponty (1996) entende a fenomenologia, na qual inspiramos os procedimentos dessa pesquisa, como o estudo das essências, que, filosoficamente, volta-se à compreensão, sem pressupostos, do que se afirma ser “natural”, respeitando e considerando as experiências vividas pelos sujeitos face às coisas e/ou fenômenos, na procura do contato ingênuo ou originário com o outro e com mundo mediado em intersubjetividades.

Em acordo, Garnica (1997) compreende que: “[...] o ser é, existencial e primordialmente, afetividade, comunicação e compreensão. Lançado ao mundo, o homem percebe-se e torna-se humano no contato com outros humanos, afetado pelo que desse convívio descortina (p.114) ”.

Martins e Bicudo (1989), bem como Severino (2006), destacam que a pesquisa em educação alcançará compreensões mais significativas epistemologicamente, se buscar o sentido do fenômeno em um local situado, pois estas percepções – não quantitativas – somente se mostram a partir de alguém.

A pesquisa qualitativa com tal fundamentação não se pauta na explicação, mas na compreensão, na “[...] revalorização do imediato, do singular, do cotidiano, do vivido, do presente, uma vez que é aí que a vida se tece. E é aí que o conhecimento deve acontecer igualmente” (SEVERINO, 2006, p.6).

De acordo com Gonçalves Junior (2008) quando o fenômeno a estudar possui o dom da intencionalidade, convém falar em compreensão (deixar que se mostre do interior), ao invés de explicação (análise do exterior), já que o humano não é mero objeto, mas sujeito; e, enquanto tal, expressa uma intenção e uma subjetividade, o que precisamente nos torna humanos em essência.

Foi realizada inserção, com intencionalidade de pesquisa, assim comunicada e consentida em Termos de Consentimento Livre e Esclarecido pelo Mestre Izael (Apêndice 1) e pelos/as onze alunos e alunas (Apêndice 2) dele na Associação Cultural e Desportiva Pena de Ouro (Quadro 2), participantes dos treinos de Capoeira realizados às sextas-feiras, entre 19h00min e 20h30min, durante os meses de outubro de 2014 a maio de 2015, totalizando 15 encontros. Tal grupo foi escolhido por ser o que tinha maior número de alunos/as treinando no mesmo horário e ter apenas alunos/as considerados pelo Mestre Izael como iniciantes ou intermediários, não havendo presença de alunos/as avançados/as.

**Quadro 2:** Alunos/as do Mestre Izael participantes dos treinos de sexta-feira às 19h

<b>Nome Fictício Escolhido pelo/a Aluno/a</b>	<b>Sexo</b>	<b>Tempo de Prática de Capoeira</b>
Joana	F	M
Arnaldo	M	I
Pedro	M	M
Hulk	M	I
João	M	I
Capota	M	M
Maria	F	M
Richard	M	I
Highlander	M	M
Fernanda	F	I
Helena	F	M

Legenda:

I – Iniciante na Prática da Capoeira, tempo igual ou inferior a 1 ano

M – Mediano na Prática da Capoeira, tempo superior a 1 ano e igual ou inferior a 3 anos

Durante todos os encontros (aulas de Capoeira do Mestre Izael), foram redigidos registros sistemáticos de observações em diários de campo, que, segundo Bogdan e Biklen (1994) “[...] é o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e reflectindo sobre os dados de um estudo qualitativo” (p.150).

Ainda para este autor e autora:

[...] as notas de campo consistem em dois tipos de materiais. O primeiro é descritivo, em que a preocupação é a de captar uma imagem por palavras do local, pessoas, ações e conversas observadas. O outro é reflexivo – a parte que apreende mais o ponto de vista do observador, as suas ideias e preocupações (p.152).

Dessa forma foram descritas em diário de campo as relações entre Mestre e Aprendizes para, posteriormente, analisar as anotações.

Após diversas leituras dos registros do diário de campo, ao percebermos unidades significativas, estas foram agrupadas em categorias temáticas, organizadas *a posteriori* na matriz nomotética, de inspiração fenomenológica (MARTINS; BICUDO, 1989; BICUDO; ESPÓSITO, 1994; GONÇALVES JUNIOR, 2008), objetivando movimento intencional em busca da essência do fenômeno pesquisado.

Segundo Gomes (1994), “As categorias são empregadas para se estabelecer classificações. Nesse sentido, trabalhar com elas significa agrupar elementos, idéias ou expressões em torno de um conceito capaz de abranger tudo isso” (p.70).

Já a matriz nomotética trata-se de um movimento do individual para o geral, no qual há uma compreensão das proposições individuais e suas possíveis convergências, divergências e idiossincrasias (asserção eventualmente encontrada em apenas uma das descrições) com as proposições dos/as demais colaboradores/as (GONÇALVES JUNIOR, 2008).

A matriz nomotética se compõe de uma coluna à esquerda na qual se expõe às categorias provenientes dos registros do diário de campo, enquanto no lado superior direito há disposição da identificação dos mesmos, representados com algarismos romanos em uma sequência horizontal, e no lado inferior direito, em algarismos arábicos, as unidades de significado encontradas, sendo que na ocorrência de “divergência” de compreensão referente àquela categoria por parte de algum dos sujeitos haverá a letra “d” ao lado do número que representa a unidade de significado do referido colaborador/a.

Na construção dos resultados, construída diretamente a partir dos dados da matriz nomotética, apresentamos uma compreensão do fenômeno estudado: processos educativos desencadeados na relação Mestre-Aprendiz no contexto das aulas de Capoeira da Associação Cultural e Desportiva Pena de Ouro, ministradas pelo Mestre Izael Teixeira.

Salientamos que os diários de campo analisados são representados na construção dos resultados pelas letras iniciais de suas palavras (DC), os quais foram enumerados por algarismos romanos (I, II, III etc.), seguidos de números arábicos, após hífen, indicando número da unidade de significado. Assim, “DC IV-2” significa que o excerto apresentado diz respeito ao: “diário de campo quatro, unidade de significado 2”. Observamos que todos os diários de campo são apresentados na íntegra no Apêndice.

## ***6.1 Apresentação do Mestre Izael e da Associação Cultural e Desportiva Pena de Ouro***

Esta apresentação foi construída a partir de diálogos com o próprio Mestre Izael Teixeira em diversos encontros. Para tal, chegava antes do horário previsto para início das aulas, de modo acordado com o Mestre, e conforme íamos conversando ia anotando as informações descritas pelo Mestre. Ao final de cada conversa ele pedia para eu ler e então fazia pequenos ajustes, quando necessário.

Mestre Izael Teixeira nasceu em 29 de julho de 1957 na própria cidade de São Carlos. Aos dezesseis anos de idade, mais precisamente no dia 1º. de fevereiro de 1974, ainda na sua adolescência, deu início aos treinos de Capoeira, tendo como primeiro Mestre, Simião Oliveira de Souza. Desde então, nunca mais parou de jogar Capoeira.

Curiosamente o jovem Izael teve, inicialmente, apenas uma aula com Mestre Simião, pois por coincidência, o Mestre Simião foi trabalhar e viver em outra cidade no dia seguinte.

Obstinado, Izael prosseguiu estudando Capoeira, sozinho, durante três anos, e o fazia em frente ao portão da casa dele, o que despertou o interesse de outras pessoas que o viam por ali treinando, foi dessa forma que Izael deu início a sua vida de professor de Capoeira, pois logo dois garotos se interessaram e pediram para Izael os ensinar.

Em 12 de março de 1977, Mestre Simião, retornou a São Carlos e passou a ministrar aulas no Centro Acadêmico Armando Salles de Oliveira (CAASO), da Universidade de São Paulo (USP), campus 1 do município de São Carlos. Nesse retorno, Izael treinou de forma ininterrupta por dois anos e, em 27 de agosto de 1978, obteve sua primeira graduação em Capoeira, nesse momento vinculado a Associação Desportiva e Cultural Grupo Cativoiro Capoeira. Um ano depois mestre Simião retornou para sua cidade de origem, Mundo Novo, na Bahia. Mais uma vez o jovem Izael se viu sozinho e novamente continuou seus treinos até conhecer Mestre Natal, na cidade de Araraquara. Nesse instante Izael rompeu com o Grupo Cativoiro e passou a treinar-estudar Capoeira com Mestre Natal.

Em 1979, Izael sentiu a necessidade de dar um nome ao grupo que fazia aulas de Capoeira juntamente com ele e, então, pediu a Deus que lhe indicasse um nome o que ocorreu em um sonho. Ele sonhou que lia um livro e no meio desse sonho fez a leitura da

frase *pena de ouro*, foi quando acordou e logo anotou em um pedaço de papel para não esquecer. Assim nasceu a Associação Cultural e Desportiva Pena de Ouro.

Mas foi em 4 de novembro de 1980 que Izael concretamente fundou a Associação Cultural e Desportiva Pena de Ouro e, três anos depois, com o apoio do Mestre Natal, formou-se Professor de Capoeira com o Mestre Laércio Alves Rodrigues, em 30 de abril de 1983.

Depois de ministrar muitas aulas de capoeira na rua, especialmente no portão de sua casa, Izael conseguiu um espaço no salão de festas de uma Igreja na Vila Izabel, porém, após aproximadamente um ano no citado salão, o padre responsável pelo local viu e ouviu o atabaque em uma roda de Capoeira, disse então a Izael que “aquilo era macumba e ele não poderia continuar suas aulas ali”.

Após deixar o salão da igreja, Izael passou a dar aulas na Rua Idalécio de Sousa, no centro de São Carlos, em um espaço que, segundo ele, mal cabia a roda de Capoeira desenhada no chão. Manteve-se dando aulas neste local por mais de um ano, porém, com o aluguel subindo, ele procurou outro local, encontrando um salão na Avenida São Carlos, próximo a EE Dr. Álvaro Guião, onde ensinou Capoeira cerca de três anos.

Já com a sua inscrição municipal, em 14 de fevereiro de 1984, mudou-se para um amplo salão na Rua São Paulo, altura do número 1081, bem no centro de São Carlos, onde permanece até os dias de hoje, tendo, portanto, mais de trinta anos de atividade no mesmo local.

Durante os primeiros anos de ministro de aulas de Capoeira, Izael trabalhou com a denominada Capoeira Contemporânea, a qual, segundo ele, envolve movimentação e musicalização com traços das chamadas Capoeira Regional e Angola, por exemplo, a movimentação da Capoeira Contemporânea se dá mais em um plano médio e alto, como a Regional. Porém, a “bateria” envolve três berimbaus, dois pandeiros, agogô, reco-reco e atabaque, lembrando a formação típica da Capoeira Angola. Por outro lado, a Capoeira Contemporânea costuma envolver também movimentos acrobáticos, não costumeiros na escola Regional ou Angola.

A partir dos anos 1990, por sentir certa carência de conhecimentos sobre Capoeira e os processos de ensino e aprendizagem desta Izael passa a procurar e frequentar alguns cursos de formação, entrando em contato com os Mestres João Grande e João Pequeno, ambos da escola Angola.

Em 27 de dezembro de 1992, Izael sofre um grave acidente em montaria em touro em um rodeio, correndo o risco de ficar tetraplégico. Depois de uma cirurgia e muito

tempo de fisioterapia, Izael foi aos poucos recuperando seus movimentos e, em 1994, voltou a ministrar aulas na Associação Cultural e Desportiva Pena de Ouro.

Em maio de 1996, continuando sua busca por melhor formação e atualização, Izael participou do 1º. Encontro Nacional de Capoeiristas Negros (ENCAN), realizado na Universidade Católica de Goiás (UCG), em Goiânia, Goiás. Nesse encontro teve seu primeiro contato com a Capoeira Regional através do Mestre Luiz Lopes Machado, mais conhecido como mestre Luizinho, filho de Mestre Bimba, como vimos fundador da Escola Regional. Ainda em maio de 1996, na cidade de Ribeirão Preto, São Paulo, Izael participa de mais um curso sobre Capoeira Regional, desta vez com Mestre Manoel Nascimento Machado, o Nenel, também filho de Mestre Bimba e Fundador da Escola de Capoeira Filhos de Bimba.

A partir desses contatos Mestre Izael decidiu dedicar-se a Capoeira Regional, conforme fundada pelo Mestre Bimba, seguindo fielmente os fundamentos dela, inclusive realizando cursos de formação e aperfeiçoamento oferecidos pela Escola de Capoeira Filhos de Bimba, coordenada pelo Mestre Nenel, filho de Mestre Bimba.

Em 2010, conheceu Walce Souza, conhecido no mundo da Capoeira como Mestre Deputado, o qual também foi aluno de Mestre Bimba e muito se interessou pelo trabalho desenvolvido por Izael, convidando-o para fazer parte da Escola Bimba Meu Mestre. A partir desse contato, trabalhos desenvolvidos e amizade, em 13 de agosto de 2011, Izael recebe do Mestre Deputado o lenço azul, que representa o título de professor pela Escola Bimba Meu Mestre e, em 17 de agosto 2013, recebe o lenço vermelho, título de especialista.

## 7 Construção dos Resultados

Durante a análise de dados, na leitura atenta dos diários de campo, emergiram as seguintes categorias: A) *Pedagógica de Mestre Izael*; B) *Valorização do Mestre Izael pela Comunidade* e C) *Enquanto Descanso, Carrego Pedra – Resistência e Ancestralidade*. Como dito anteriormente, as categorias foram construídas fundamentalmente a partir dos dados da matriz nomotética (Quadro 3).

**Quadro 3:** Matriz Nomotética

<b>Categoria</b>	<b>A) Pedagógica de Mestre Izael</b>	<b>B) Valorização do Mestre Izael pela Comunidade</b>	<b>C) Enquanto Descanso, Carrego Pedra - Resistência e Ancestralidade</b>
I	1; 4	2	3
II	2; 4; 5		1; 3; 6
III	1; 3		2
IV	3	1	2
V	1; 3		2
VI	2	1	
VII	1; 3; 5	2	4
VIII		2	1
IX	1	2	
X	1; 4		2; 3
XI	2; 3		1
XII	3	1	2
XIII			1
XIV	1		2
XV	1; 3; 6		2; 4; 5

### **7.1 A) Pedagógica de Mestre Izael**

A pedagógica de Mestre Izael, consiste na forte relação mestre-discípulo. Segundo Dussel (1982, p.153) “[...] a pedagógica não deve ser confundida com a pedagogia, que é a ciência do ensinamento ou aprendizagem”. Para ele:

A pedagógica ao contrário, é a parte da filosofia que pensa a relação face-a-face do pai-filho, mestre-discípulo, médico-psicólogo-doente, filósofo-não-filósofo, político-cidadão etc. Ou seja, o pedagógico neste caso tem uma ampla significação de todo tipo de “disciplina” (o que recebe de outro) em oposição à “invenção” (o que se descobre por si mesmo). A pedagógica, além disso, tem a particularidade de ser o ponto de convergência e passagem mútua da erótica à política (DUSSEL, 1982, p.154).

Percebemos esta relação nos diálogos entre o Mestre Izael e seus discípulos: o respeito ao tempo de aprendizagem de cada um, a forma próxima de conduzir sua aula, conforme excerto a seguir de diário de campo:

O Mestre nesse dia iniciou a aula ao som do berimbau. Enquanto aquecíamos ele tocava o berimbau numa cadência muito bonita, tocando Idalina, Banguela, São Bento Grande, Cavalaria. E enquanto tocava todos nós fazíamos a ginga conforme o ritmo e vez ou outra o Mestre parava o berimbau para nos orientar como fazer essa ginga e as vezes me pedia para tocar o berimbau enquanto auxiliava os demais aprendizes. Logo em seguida me deixou tocando o berimbau, um toque chamado Idalina (toque de berimbau criado por Mestre Bimba), pediu a todos que entrasse na roda para gingar às vezes em duplas, às vezes em trios e ele mesmo participando desses trios. Perguntou-me se queria fazer também, disse que sim e nisso colocou a Maria para tocar o berimbau, ao perceber que ela não conseguiria tocar, por não saber o toque, disse a ela que fizesse o toque que soubesse que não teria problemas e logo em seguida disse a Maria que não tivesse medo, que ficasse à vontade para tocar assim ela ganhava confiança e também aprenderia os toques. Logo depois a turma foi dividida em duplas, cada dupla com um treino específico, Capota e eu fazíamos a primeira sequência, Maria e Hulk também iniciavam a primeira sequência enquanto a Fernanda fazia os primeiros movimentos, mais básicos. Com seu jeito bem peculiar de dar aulas, Mestre Izael conduziu o treino, ora nos orientando, ora orientando a segunda dupla e também a Fernanda. Em alguns momentos parava a todos para explicar um ou outro movimento. Devido ao clima muito seco e quente, o treino seguiu mais devagar, já no fim o Mestre passou à segunda sequência, fui ajudando o Capota por já conhecer a sequência e o Mestre sempre corrigia um movimento ou outro meu e também do Capota (DC I-1).

Nesta relação, podemos também perceber a existência do cuidado do Mestre com seus discípulos, em preservar a integridade individualidade e o limite de cada um deles:

Fomos treinando as sequências até a terceira novamente, Capota e eu, com o Mestre nos observando de perto e interrompendo vez ou outra para corrigir uma coisa ou outra e também sem esquecer de dar atenção ao Hulk. Num dado momento o Mestre notou que o Capota havia se cansado, então pediu para que ele se sentasse enquanto Pedro e eu dávamos sequência ao treinamento. Ele e o Capota sentaram-se em um banco bem próximo a roda, ficaram conversando e ao olhar nosso treino o Mestre reparou minha dificuldade em esquivar para o lado esquerdo, quando fazíamos um determinado movimento e o Pedro quase me acertou o nariz com uma benção. Então ele parou o treino nesse momento e falou sobre a minha dificuldade e o que eu deveria fazer para melhorar. Mostrou várias formas de exercícios que posso fazer. CO<sup>1</sup>: nessa hora, fiquei bem satisfeito com a atenção que o Mestre nos deu, não só eu, também Capota e Pedro, podemos perceber ali a preocupação que tem com seus alunos. Terminamos o treino após as 16h30min., horário combinado para terminar, nos trocamos, assinamos o livro de presença e fomos embora. Pedro, Capota e eu sempre fazemos algo depois dos treinos e nesse dia não foi diferente (DC V-3).

A pedagógica que é essa relação entre mestre-discípulo, a qual Mestre Izael mantém com os seus discípulos, através da Capoeira, manifestação da cultura popular de matriz africana, pode ser entendida como busca pela libertação cultural, a qual, conforme Dussel (1982):

É uma ação de enorme riqueza inovadora. O sujeito cons-trutor do “novo” (na criança seu caráter adequado à sua exterioridade; no jovem, seu ofício na sociedade justa; no povo, a realização de sua cultura popular nacional) é o mesmo educando. O que acontece é que para con-struir, é preciso antes des-armar aquilo que o sistema tinha imposto (e não “posto”). Esse momento des-armante é aquele que chamamos a “destruição” assuntiva. Isto é trata-se de negar a negação que se tinha produzido pela pedagogia da dominação na criança, jovem, povo (p.245).

Na pedagógica de Mestre Izael ele mantém os elementos da cultura popular presentes na Capoeira no decorrer das aulas, tentando assim não perder suas características, sofrer alterações na sua raiz. Na unidade de significado a seguir Mestre Izael estimula seus discípulos a gingarem conforme o ritmo de cada toque de berimbau feito por ele, frequentemente perguntando aos participantes da aula o nome do toque e os deixando curiosos sobre como afinar adequadamente o berimbau.

---

<sup>1</sup> Comentários do Observador.

[...] o Mestre armava um de seus berimbau, me dizendo como o som daquele berimbau era bom. Realmente o berimbau estava com um som muito bom! Explicou o Mestre que o segredo está no modo de afinar o instrumento e o ajuste da cabaça, e sorrindo nos disse que um dia nos ensinaria. Depois que todos/as já haviam se trocado e estavam à espera do início do treino, o Mestre começou explicando como o faria. Disse ele que começaria tocando o berimbau em um ritmo bem cadenciado, dessa forma daríamos início ao treino aquecendo, mas sem forçar de mais devido ao forte calor que fazia naquela tarde. Assim sendo, ele iniciou o treino com um toque de Idalina (toque de berimbau criado por Mestre Bimba), demonstrando como ele queria que fizéssemos a ginga naquele momento. Segundo ele, devemos obedecer ao ritmo do berimbau, gingar balançando o corpo, sem acelerar e nem diminuir o ritmo. Fez vários toques de berimbau da capoeira regional, sempre parando e explicando o modo de gingar em cada um deles. Também, entre um toque e outro, dizia não se lembrar qual o nome de determinado toque, nos perguntando se sabíamos o nome, apenas o Capota arriscava responder, o Pedro se manteve apenas sorrindo e dizendo que não sabia, o Capota disse que também não sabia, mas que chutaria uma resposta e assim o fez, não acertando o toque. Eu sabia, mas não respondi até que o Mestre me perguntasse. Quando me perguntou eu disse que achava ser o toque de Amazonas, ele prontamente me questionou: acha ou é? Eu então confirmei que sim, era o toque de Amazonas. Na sequência, para demonstrar um movimento para nós, me deixou tocando o berimbau (DC II – 2).

A pedagógica de Mestre Izael, preserva valores pertencentes à cultura popular e incentiva a todos/as a se apropriarem desta cultura. E nesta relação, Mestre e Discípulo vão se formando, aprendendo e ensinando, também por vezes organizava situações em que alunos/as com mais experiência (no caso desta turma, medianos na prática da Capoeira, com tempo superior a 1 ano e igual ou inferior a 3 anos) com os alunos/as menos experientes (no caso desta turma, iniciantes na prática da Capoeira, com tempo igual ou inferior a 1 ano).

Hoje estavam presentes na Associação Pena de Ouro para participar do treino, além do Mestre Izael e de mim, Highlander, Fernanda, Pedro, Arnaldo, Capota. Nesse dia Mestre Izael mudou um pouco a dinâmica da aula. Começou a aula ao som do berimbau, enquanto ele tocava todos gingavam dentro do ritmo, na mesma cadência, em seguida, formou duplas, gingavam um de frente para o outro e ao comando do Mestre todos mudavam de duplas. Fizemos isso por alguns minutos. Logo em seguida o Mestre organizou as duplas para o treino colocando os alunos com mais tempo de treino com os que estavam iniciando. Ficaram juntos Highlander e Fernanda, Pedro e Arnaldo, Capota ficou junto comigo. Como já estavam todos aquecidos, fomos direto para a primeira sequência. O Mestre ficava andando pelo salão, uma hora com uma dupla, outra hora com outra, sempre dando atenção a todos/as (DC X – 1)

A pedagógica, relação entre Mestre e discípulo, aponta para a prática da educação libertadora, emancipadora. “Uma pedagógica libertadora tem consciência de que o mestre é um sujeito procriador, fecundante do processo, desde sua exterioridade crítica” (DUSSEL,1982, p.246).

## ***7.2 B) Valorização do Mestre Izael pela Comunidade***

Nesta categoria, observamos o respeito e a valorização pela comunidade do trabalho desenvolvido pelo Mestre Izael. O papel de Mestre de capoeira está atrelado a uma liderança na comunidade onde atua.

Câmara (2004), em estudo de mestrado envolvendo Capoeira defendido na linha “Práticas Sociais e Processos Educativos” afirma:

O Mestre de capoeira possui sabedoria que não é apenas da técnica de jogo, mas também da experiência de vida, é respeitado por toda a comunidade onde ensina, possui sabedoria que advém da experiência e humildade. Seus aprendizes o tratam como alguém que possui a capacidade de ajudá-los no aprendizado da capoeira (p.51).

Corroborando com essa compreensão Abib (2006), ao destacar que:

O Mestre, na cultura popular em geral, adquire esse reconhecimento por ter se notabilizado perante a sua comunidade, em razão de sua capacidade de ser ele um transmissor dos saberes de seus antepassados. Esse processo na cultura bantu, reveste-se de importância capital, pois essa cultura põe em estreita relação os antepassados e seus descendentes, convencidos antes que não poderiam perpetuar sua linhagem sem a proteção dos antepassados (p.95).

Prossegue Abib (2006):

Os mestres exercem um papel central na preservação e transmissão dos saberes que organizam a vida social no âmbito da cultura popular, caracterizando, assim, a oralidade como forma privilegiada dessa transmissão (p.91).

O apreço pelo Mestre Izael é constante conforme registros de observações em diários de campo, quando membros da comunidade, por exemplo, passam na Associação Desportiva e Cultural Pena de Ouro para conversar com o Mestre. Quando ex-alunos levam seus filhos para fazer aulas com o Mestre, conforme segue:

Várias pessoas passaram pela Associação, umas para se informar sobre aulas de Capoeira, outras para falar com o Mestre, mães que trazem seus filhos cujo pai já treinou com o Mestre há muito tempo atrás (DC I - 2).

Ainda no tocante aos ex-alunos/as, além levarem seus filhos para praticar Capoeira com o Mestre Izael, mantêm um vínculo muito forte com o ele e mesmo morando longe, em outras cidades, sempre encontram uma maneira de passar pela Associação para visitá-lo, conversar, treinar:

Uns dias antes recebi uma mensagem no celular da Andorinha, uma ex-aluna do Mestre que agora mora em outra cidade e que tem a preocupação de sempre visitá-lo e, sempre que possível, também treinar. Ela me perguntava a que horas estaria na Associação, pois gostaria de treinar e queria companhia. Informei a ela que treinamos todas as sextas a partir das 16h. Quando cheguei à Associação por volta das 15h30min. ela já estava lá com Capota e o Mestre, coloquei minha bolsa no lugar reservado a elas, voltei, cumprimentei a todos/as e me sentei com eles. Andorinha me ofereceu um sorvete e pediu que eu pegasse na geladeira. Não prestei muita atenção sobre o que conversavam. Aquela sexta-feira foi bem intensa e quando cheguei a Associação estava me sentindo bem cansando, muito distraído, apenas tomei o sorvete sem pensar em muita coisa. Logo a Maria chegou, já estava dando o horário de início do treino, todos já haviam se trocado. Nesse dia o treino se iniciou no meio da conversa mesmo, de uma forma mais espontânea, estávamos todos por ali e entre uma conversa e outra o Mestre pediu para que formássemos duplas e começássemos a gingar para aquecer, pediu que ficasse Capota e eu, Andorinha e Maria (DC IV-1).

Os vínculos de afeto, amizade criado nas relações entre Mestres e discípulos podem durar por toda a vida, o respeito entre Mestre e discípulo é mútuo, nessas relações são construídas lições de aprendizagem para a vida inteira, o aprendizado da capoeira vai sempre muito além da reprodução dos gestos mecânicos. A ligação entre Mestre e discípulo permanece mesmo passando muito tempo distantes, como no caso do aluno Piroleta, abaixo descrito:

Ficamos conversando até mais ou menos umas dezenove horas, foi quando chegaram a associação os alunos que faziam o treino das dezenove às vinte e meia. Chegaram Lazer e também um aluno do Mestre conhecido como “Piroleta” que tive o prazer de conhecer naquela tarde. O próprio Piroleta me contou que o seu primeiro contato com Mestre Izael e a capoeira foi em um projeto onde o Mestre dava aulas na escola Sebastião de Oliveira Rocha na década de noventa, que depois que o projeto teve fim ele sempre pensou em voltar a praticar capoeira, mas que só foi possível agora. E que mesmo sem poder treinar por diversos

motivos, sempre que podia passava pela associação para bater um papo com o Mestre. CO: Mestre de capoeiras como Mestre Izael e tantos outros Mestres da cultura popular são capazes de nos marcar, mesmo depois de tanto tempo passado, de um contato breve em um determinado período, não esquecemos mais, e muitas vezes têm o poder de mudar nossas vidas (DC VIII - 2).

Estas relações que envolvem ensinamentos, aprendizagens, afetividades, atenção, cuidado de uns com os outros/as, contribuem para a formação educacional, cultural e até mesmo profissional dos/as alunos/as em algumas ocasiões.

Ao buscar compreender estas relações entre Mestre e discípulo, de que maneira a Capoeira Regional e a relação com Mestre Bimba teria de fato contribuído para a formação de seus discípulos, Campos (2009), afirma serem bastante controversas as informações. Alguns afirmam que a relação de Mestre Bimba com seus alunos chegava a ser autoritária e grosseira. “Mas outros tantos referem-se ao mestre como uma pessoa que usava da autoridade, embora sem apresentar na sua conduta um autoritarismo, relacionando-se de modo amigável, e se dedicando a um relacionamento individualizado, de acordo a personalidade de cada um de seus alunos” (p.199).

Com relação à formação educacional dos alunos, em depoimentos de antigos alunos de Mestre Bimba, trazido por Campos (2009), é possível perceber que os aspectos que eles mais relataram, são as questões como a disciplina, a tolerância, o carinho, a segurança, a autoconfiança, o despertar para a questão cultural e, sobretudo, do respeito.

No caso de Mestre Izael, além destes elementos vale ressaltar que parte considerável do reconhecimento que ele tem da comunidade advém do trabalho perseverante que ele mantém há mais de trinta anos no mesmo local, enfrentando muitas dificuldades, como relatado na unidade de significado que segue:

Mestre Izael encerrou o treino às 16h30min. deu alguns informes sobre a associação, fez algumas recomendações como sempre faz a todos os seus alunos e nos desejou um excelente fim de semana. Capota e eu assinamos e livro de presença nos despedimos do Mestre e saímos da associação. CO: na calçada, em frente a associação, Capota me dizia o quando Mestre Izael é uma pessoa boa e de profundo conhecimento, tanto com relação a capoeira como nas coisas da vida, modo de viver e se relacionar com todo mundo. Disse ainda que não entendia como não conseguia ter uma vida financeira um pouco melhor, pois ainda vive acumulando outras funções para sobreviver (DC IV – 2).

Como vemos, o Mestre de capoeira, Mestre da cultura popular de modo geral, mantém uma estreita relação com a comunidade onde desenvolve seu trabalho, agindo na

formação de muitas pessoas ao longo do tempo, para além do objeto específico de ensino, no caso desta pesquisa a Capoeira, mas compartilhando lições de vida, inclusive pelo próprio exemplo. O que também está imbricado na categoria que segue.

### ***7.3 C) Enquanto descanso, carregando pedra – resistência e ancestralidade***

A Capoeira, que já foi de prática criminosa, proibida por lei no Brasil, a patrimônio cultural imaterial da humanidade, como já descrito anteriormente, envolve luta constante de seus Mestres.

Gonçalves Junior (2009) observa que “[...] a capoeira tem sido criada e recriada, ora com características de assimilação e de branqueamento pela cultura de raiz europeia; ora com características de afirmação de valores, crenças e identidade do povo africano e seus descendentes no Brasil” (p.705).

Nesse movimento de luta, que conforme metaforicamente afirmou Mestre Izael; “enquanto descanso, carregando pedra”, amparado pela ancestralidade, pela constante resistência e afirmação / re-afirmação de suas raízes africanas, os Mestres também lutam com todo tipo de adversidades, dentre elas a financeira, porém o amor pela Capoeira, que no caso de Mestre Izael se confunde com o próprio existir dele, o mantém praticando e ensinando, conforme relato:

Nesse dia, o Mestre parou o treino uns minutos antes do fim, pediu para que ficássemos em roda, pegou um pandeiro e como faltava uma semana para comemoração dos trinta anos da Associação Pena de Ouro, informou que não haveria aula na próxima semana, pois estaria com muitos afazeres para organizar o evento, falou sobre a programação, dos Mestres que chegariam na próxima semana para a comemoração. Disse aparentemente emocionado o que era comemorar trinta anos da Associação no mesmo lugar, enfrentando dificuldades e resistindo a todas as adversidades, mas que fazia pelo o amor a Capoeira. Agradeceu por estarmos ali com ele e também disse que a nossa presença seria muito importante no evento e como sempre diz: vamos aprender juntos (DC III-2)

A ancestralidade envolve também preservação das tradições, do modo de aprender e ensinar, no caso da Capoeira. No fragmento de diário de campo a seguir, registramos o cuidado de Mestre Izael com os preceitos preconizados por Mestre Bimba, fundador da escola de Capoeira denominada Regional.

Estavam presentes na Associação apenas os alunos, nenhuma das alunas apareceu para o treino neste dia. Todos estavam bastante animados para o treino, chegavam cantando, dando risadas e brincando com os colegas. Treinaram juntos neste dia: Pedro, Highlander, Capota, Arnaldo e Richard. Também nesse dia começou a treinar Hulk, sendo, portanto, o único a não treinar em duplas, pois era seu primeiro dia. Foi para o que o Mestre chama de gabarito (marcas feitas no chão em forma de triângulo) onde é ensinado a ginga e os primeiros movimentos. Todos os outros deram início ao aquecimento com ginga, cocorinha, negativa, esquiva lateral, esquiva lateral com rolê, au e au de rolê, em seguida as sequências de Mestre Bimba. Após todos terem feito até a terceira e quarta sequência, mais ou menos, o Mestre parou o treino, armou um berimbau e pediu para que todos se dispusessem na roda. Explicou que tocaria um pouco para todos jogar, com exceção de Hulk que estava iniciando os treinos aquele dia, então Mestre Izael pediu para que ele ficasse na roda observando. Mestre Izael também pediu para todos que durante os jogos, utilizassem os movimentos aprendidos com a prática das sequências. Todos tiveram a oportunidade de jogar pelo menos umas duas vezes antes do final da roda. O Mestre já havia nos avisado de que começaria a aplicar algumas multas assim como fazia Mestre Bimba em sua academia. Essas multas servem para deixar os alunos sempre mais atentos, Mestre Izael sempre nos explica isso e como Mestre Bimba fazia em sua academia. Durante a roda, toda vez que alguém esquecia algo, errava algo ou deixava de fazer algo o Mestre parava o berimbau e dizia a quem estava jogando que ele estava multado por ter feito isso ou aquilo durante o jogo e então pedia para que Pedro marcasse no mural o nome e o valor da multa. Quando terminou a roda o Mestre explicou o porquê das multas, como seria gasto o dinheiro arrecadado, disse ele que ajudaria na festa de comemoração dos 34 anos da pena de ouro, e falou um pouco mais sobre o método de ensinamentos de Mestre Bimba (DC XIII-1).

Esta ancestralidade e resistência é afirmada todas as vezes que Mestre Izael para e se refere a Mestre Bimba e outros Mestres de Capoeira com os quais teve contato direto ou indireto, nos instigando com perguntas, ou contando histórias, que vão desde o modo de guardar os berimbaus até o modo de viver.

Terminado sua demonstração, veio pegar o berimbau que estava em minhas mãos, e já com uma nova pergunta. Perguntou-nos: “De que modo se guardavam os berimbaus na academia do Mestre Bimba?”. Todos/as disseram não saber, ele então me perguntou novamente, expliquei a ele que nas academias de capoeira regional os berimbaus são guardados com a cabaça para o lado de cima, me disse que estava correta a resposta e contou uma história que seu avô de capoeira, Mestre Limãozinho, havia lhe contado, e logo em seguida contou porque guardava os berimbaus daquela forma. Disse que Mestre Limãozinho, quando esteve na associação para dar uma vivência, contou que costumava guardar os berimbaus com a cabaça para baixo até ter uma conversa com Mestre Deputado, Mestre de Mestre Izael na capoeira regional, ele lhe explicou, que a cabaça é a cabeça do berimbau e que por isso deve ser mantida para cima, mas que isso lhe gerou outra dúvida, que iria perguntar ao Deputado na próxima vez em que o encontrasse. A

dúvida é em relação ao momento em que está tocando o berimbau, pois nesse momento o instrumento fica com a cabaça (“cabeça”) para baixo (DC II – 3).

Através da oralidade, a lembrança dos Mestres antigos nas aulas de Capoeira sempre se faz presente nas aulas do Mestre Izael, o que representa um elemento de valorização da cosmovisão africana, a experiência dos mais velhos através das histórias contadas, o respeito aos ensinamentos antigos, como respeitar o espaço sagrado da roda de Capoeira.

Em um dado momento do treino, enquanto treinávamos as sequências, o Mestre falou sobre um acontecimento em sua vida, logo quando começou a praticar capoeira com seu Mestre Simeão. No meio da fala, quando foi se referir a algumas pessoas, que não foi de uma forma muito boa, preferiu sair da roda, falando o que tinha para falar fora dela. CO: Mestre Izael, sempre que vai explicar um movimento, uma quadra ou situação de jogo, faz questão de contar uma história, uma passagem de sua vida, ou um relato de algum feito de Mestre Bimba, isso é recorrente em todas as aulas. Só não entendi muito bem o porquê saiu da roda, mas me recordo que em outros momentos ele chama a atenção se alguém invade o espaço da roda se não estiver naquele instante jogando.

Nesse dia treinamos até a terceira sequência de Mestre Bimba, logo deu o horário e terminamos o treino. E como de costume, sempre que a aula acontece ao som de berimbau, ela também é terminada assim, todos em pé ao redor da roda, mas sem pisar dentro dela, então o Mestre tocou o chamado hino da regional, o São Bento Pequeno, ou apanha a laranja no chão tico-tico. Assim que ele terminou todos/as bateram palmas e se cumprimentam. Mestre Izael sempre nos diz para bater palma bem forte, segundo ele, Mestre Bimba sempre fazia o mesmo (DC II – 6).

As histórias contadas fortalecem a todos/as, a referência aos antigos mestres são processos e aprendizagem como apontado por Câmara (2004):

Como se vê, a oralidade é elemento importante ao transmitir a memória desencadeando processos e aprendizagem. A comunidade negra a partir de histórias, músicas e cantos, na África e no Brasil, utiliza a linguagem oral como instrumento da tradição, repassando aos seus descendentes valores próprios a este grupo humano. É no cantar que também se expressa o conhecimento. Neste sentido, na cosmovisão africana a experiência não se dá de maneira fragmentada, dissociando os elementos da cultura, mas sim pela vivência integrada do cotidiano construindo e reelaborando significados (p.40).

## 8 Considerações

Buscando responder à questão de pesquisa: “Que processos educativos decorrem da prática social capoeira no contexto das aulas do Mestre Izael da Associação Cultural e Desportiva Pena de Ouro?”, apontamos alguns processos educativos observados.

Consideramos que um destacado processo educativo observado foi resistência. Mestre Izael resiste, apesar de todas as adversidades, dentre as quais a financeira, ensinando Capoeira a mais de trinta anos, resistindo inclusive no mesmo local, onde ensina capoeira e reside, fazendo isso por amor à Capoeira como ele mesmo costuma enfatizar frequentemente em suas falas e aulas que ministra.

Esta resistência é a própria luta do povo negro no Brasil para manter viva suas raízes, conforme corrobora Gonçalves Junior (2009):

*Luta do povo africano e afro-brasileiro em busca de liberdade e afirmação de sua corporeidade, luta esta que não se deu (dá) apenas na movimentação física, mas na motricidade, ou seja, no movimento intencional de transcendência, portanto, do ser no contexto do mundo (p.2).*

E neste movimento de resistência, a busca por uma maior valorização desta prática social que tem muito a nos ensinar sobre modos de educar e educar-se, podendo incluir nos sistemas escolares de educação outras cosmovisões ou epistemologias.

Entendendo epistemologia como:

*[...] toda a noção ou ideia [...] sobre as condições do que conta como conhecimento válido. É por via do conhecimento válido que uma dada experiência social se torna intencional e inteligível. Não há, pois, conhecimento sem práticas e atores sociais. E como umas e outros não existem senão no interior de relações sociais, diferentes tipos de relações sociais podem dar margem a diferentes epistemologias (SANTOS; MENESES, 2010, p.15).*

Estudos anteriores com Capoeira, como de Nogueira (2007; 2013), Câmara (2004), Abib (2005) e Gonçalves Junior (2009), consideram a importância do trabalho com Capoeira para a educação das relações étnico-raciais, afirmação de identidade, combate ao racismo, resistência ideológica a um modelo cultural dominante (eurocêntrico), além da possibilidade de outro modelo de ensino e aprendizagem oriundos da cultura popular, os quais favorecem: a relação entre mestre e discípulo; a valorização da sabedoria dos mais velhos; a oralidade como um de seus principais elementos.

Sentir/perceber/apreender a diversidade cultural pela vivência em grupo, respeitando a si mesmo e ao outro, seus saberes e experiências, pode despertar um novo olhar de si e do outro e facilitar a afirmação de identidades, com orgulho de suas origens, neste caso africanas, e respeito e reconhecimento destas por pessoas de outras origens, as quais devem ter suas raízes étnico culturais igualmente respeitadas e reconhecidas (GONÇALVES JUNIOR, 2009, p. 7).

Neste estudo, consideramos também que as lições do Mestre Izael vão além do objeto de ensino, a Capoeira, mas possibilitam ou abrem-se à formação para a vida, ao “tornar-se pessoa” (SILVA, 2003).

O ensinar Capoeira de Mestre Izael, conforme também apontou Nogueira (2007) em estudo dela: “[...] não se esgota no ensinar a jogar, mas ele é um processo complexo que envolve diversos elementos dessa herança” (p.26).

Câmara (2004) afirma que a Capoeira pode configurar-se “[...] enquanto um processo educativo de perpetuação de valores e crenças da comunidade afrodescendente, na tentativa não apenas de se libertar da marginalização e das discriminações, mas também de afirmar uma identidade afrodescendente” (p.9).

Outro destacado processo educativo identificado e estudado junto ao Mestre Izael na Associação Cultural e Desportiva Pena de Ouro foi a ancestralidade, sempre presente em suas aulas ao frequentemente lembrar junto aos alunos os mestres antigos e seus respectivos ensinamentos.

Contribui com essa afirmação resultados do estudo de Nogueira (2007), quando descreve que o corpo é:

Porta voz de conhecimento histórico e cultural, possuindo uma sabedoria cultural que é a memória da ancestralidade cravada em si; possui o saber da comunidade e perfaz-se como arquivo-arma; veículo de resistência sociocultural e agente emancipador da escravidão; dispositivo de poder, identidade e linguagem; território de conflito, entre o que a sociedade pensa deste corpo e como ele se entende na prática cultural, o seu senso de pertencimento (p.21).

Os processos educativos desencadeados na prática da Capoeira junto ao Mestre Izael também favorecem a compreensão sobre a cosmovisão africana que se faz presente no modo de vida da população afro-brasileira. Esses processos educativos têm a função de promover a formação para a vida na sociedade, fortalecer nos afrodescendentes suas raízes e identidades africanas, enegrecer.

Para Silva (2013) enegrecer significa “[...] a maneira própria de os negros se porem no mundo ao receberem o mundo em si. Enegrecer, face-a-face em que negro e branco se espelham, se comunicam, sem deixar de ser o que cada um é” (p.1). Desta forma:

O enegrecer da educação para os negros significa sentirem-se apoiados, a partir do reconhecimento da história e cultura de seu povo, para construir livremente seu pertencimento étnico-racial, exercer com dignidade sua cidadania. Para os não negros significa se tornarem capazes de deslocar o olhar de seu próprio mundo e, desta forma, conseguir compreender distintos modos de pensar, de ser, de viver (SILVA, 2013, p.1).

Também o modo de Mestre Izael organizar as suas aulas preserva valores pertencentes à cultura popular e afro-brasileira despertando em seus alunos/as a riqueza existente nesta, confirmando suas raízes originárias e contribuindo para a libertação cultural, visto que “[...] fomos pedagogicamente educados na desvalorização de nossa cultura popular própria” (DUSSEL, 1982, p.264). Assim, consideramos a necessidade das instituições escolares buscarem referências em trabalhos com Mestres da cultura popular, como o trabalho desenvolvido pelo Mestre Izael, pois “[...] é evidente que uma libertação cultural, como processo futuro, tem que apoiar-se na cultura do povo” (DUSSEL, 1982, p. 269).

Consideramos ainda que os resultados desta pesquisa podem favorecer o trabalho pedagógico com Capoeira, trazendo subsídios a discussões na área de Educação, com repercussões em práticas escolares.

Abib (2005) reforça que “[...] as manifestações culturais contribuem de forma importante para os chamados processos educativos não formais presentes em nossa sociedade” (p.175-176). Considera também que a educação formal, tanto nas instituições privadas, quanto nas públicas, ainda carecem de uma visão ampliada da importância das referências provenientes da cultura popular, deixando assim de ter uma visão preconceituosa e folclorizada desta cultura, valorizando as formas tradicionais de ensinar e aprender contidas na cultura afrobrasileira.

Nesse sentido, vemos como imprescindível, conforme alerta Gonçalves Junior (2009):

A necessidade de busca de conhecimento da história do povo africano e seus descendentes no Brasil, com sensibilidade para suas lutas, dentre elas: por liberdade; pela defesa de direitos; pela resistência a folclorização e/ou branqueamento de sua cultura; pela recomposição de sua humanidade, corporeidade e identidade diante das discriminações e

preconceitos que visam levá-los ao esquecimento da sua africanidade, entre outras (p.705).

Esse conhecimento é indispensável para que não se descaracterize os modos de vida próprios da cultura afrobrasileira, folclorizando práticas sociais, tais como, a da própria capoeira.

## Referências

- ABIB, Pedro R. J. **Capoeira Angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda**. Campinas: UNICAMP/CMU; Salvador: EDUFBA, 2005.
- ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. Os velhos capoeiras ensinam pegando na mão. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 26, n. 68, p.86-98, jan. /abr. 2006. Disponível em <[http:// www. Cedes. Unicamp.br](http://www.Cedes.Unicamp.br)>. Acesso em: 12 jun. 2015.
- ARAÚJO-OLIVEIRA, Stella. Exterioridade: o outro como critério. In: OLIVEIRA, Maria W. de; SOUSA, Fabiana R. (Org.). **Processos educativos em práticas sociais: pesquisas em educação**. São Carlos: EdUFSCar, 2014, p.47-107.
- BARBOSA, Francisco de Assis. **Apresentação ao livro Rui Barbosa e a Queima dos Arquivos**. Brasília: Ministério da Justiça; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, s/d. Disponível em: <[http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/a-j/FCRB\\_FranciscodeAssisBarbosa\\_Apresentacao\\_livro\\_RuiBarbosa\\_queima\\_arquivos.pdf](http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/a-j/FCRB_FranciscodeAssisBarbosa_Apresentacao_livro_RuiBarbosa_queima_arquivos.pdf)>. Acesso em: 21 mar. 2016.
- BICUDO, Maria A. V.; ESPOSITO, Vitória H. C. (Org.). **Pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico**. Piracicaba, UNIMEP, 1994, p.35-46.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.
- BOSI, Alfredo. Cultura brasileira e culturas brasileiras. In: BOSI, Alfredo . **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p.308-345.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Prefácio: perguntas, pesquisas. Para quem? Para quê? In: OLIVEIRA, Maria W. de; SOUSA, Fabiana R. (Org.). **Processos educativos em práticas sociais: pesquisas em educação**. São Carlos: EdUFSCar, 2014, p.11-18.
- CÂMARA, Engels. **Capoeira Angola: uma contribuição à prática do professor no reconhecimento e valorização da comunidade afro-descendente**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.
- CAMPOS, Hélio. **Capoeira na escola**. Salvador: Presscolor, 1990.
- CAMPOS, Hélio. **Capoeira regional: a escola de Mestre Bimba**. Salvador: EDUFBA, 2009.
- CAPOEIRA torna-se patrimônio imaterial da humanidade. **UNESCO Office in Brasília**, 26/11/2014. Disponível em: <[http://www.unesco.org/new/pt/brasil/ia/about-this-office/single-view/news/capoeira\\_becomes\\_intangible\\_cultural\\_heritage\\_of\\_humanity/#.Vi6AMdKrTwc](http://www.unesco.org/new/pt/brasil/ia/about-this-office/single-view/news/capoeira_becomes_intangible_cultural_heritage_of_humanity/#.Vi6AMdKrTwc)>. Acesso em: 26 out. 2015.
- CAPOEIRA, Nestor. **Capoeira: os fundamentos da malícia**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- DECANIO FILHO, Angelo A. **A herança de mestre Bimba**. Salvador: o autor, 1997.

DORIA, Sergio F. **Ele não joga capoeira, ele faz cafuné**: Histórias da academia de Mestre Bimba. Salvador: EDUFBA, 2011.

DOSSIÊ Inventário para Registro e Salvaguarda da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil (2007). Disponível em:

<[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossi%C3%AA\\_capoeira.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossi%C3%AA_capoeira.pdf)>.

Acesso em: 18 jan. 2016.

DUSSEL, Enrique. Cultura ilustrada e libertação da cultura popular. In: DUSSEL, Enrique. **Para uma ética da libertação latino-americana III**: erótica e pedagógica. Piracicaba: UNIMEP, 1982.

DUSSEL, Enrique. Meditações anti-cartesianas sobre a origem do anti-discurso filosófico da modernidade. In: SANTOS, Boaventura de S.; MENESES, Maria P. **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2009, p.283-336.

FIORI, Ernani M. Conscientização e educação. **Educação e realidade**. Porto Alegre, v. 11, n. 1, p.3-10, jan./jun. 1986.

FIORI, Ernani M. **Textos Escolhidos**: Educação e Política. Porto Alegre: Editora L&PM, 1991.

FOGANHOLI, Cláudia. **Educar e educar-se na diversidade**: uma relação com as danças da cultura popular no Brasil e em Moçambique. 2015. Tese (Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donald. **Alfabetização**: leitura do mundo leitura da palavra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

GARNICA, Antonio V. M. Algumas notas sobre pesquisa qualitativa e fenomenologia. **Interface: comunicação, saúde, educação**. São Paulo, v.1, n.1, p.109-122, 1997.

GOMES, Nilma. Contribuições dos negros para o pensamento educacional brasileiro. In: SILVA, Petronilha B. G.; BARBOSA, Lucia M. A. **O pensamento negro em educação no Brasil**: expressões do movimento negro. São Carlos: EdUFSCar, 1997, p.17-38.

GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MYNAIO, Maria C. S. (Org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

GONÇALVES JUNIOR, Luiz. Dialogando sobre a capoeira: possibilidades de intervenção a partir da motricidade humana. **Motriz**. Rio Claro, v.15, n.3, p.700-707, 2009.

GONÇALVES JUNIOR, Luiz. Lazer e trabalho: a perspectiva dos líderes das centrais sindicais do Brasil e de Portugal em tempos de globalização. In: GONÇALVES JUNIOR, Luiz. (Org.). **Interfaces do lazer**: educação, trabalho e urbanização. São Paulo: Casa do Novo Autor, 2008, p.54-108.

IPHAN registra capoeira como patrimônio cultural brasileiro. **Folha Online**, 15/07/2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u422731.shtml>>. Acesso em: 31 out. 2015.

LIMA, Luiz A. N. **A Capoeira: um discurso em extinção**. São Paulo: PUCSP/FAPESP, 1990.

MACHADO, Ozaneide V. M. Pesquisa qualitativa: modalidade fenômeno situado. In: BICUDO, Maria A. V.; ESPOSITO, Vitória H. C. (Org.). **Pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico**. Piracicaba, UNIMEP, 1994, p.35-46.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria A. V. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: Moraes/EDUC, 1989.

MARTINS, Joel; BOEMER, Magali R.; FERRAZ, Clarice A. A fenomenologia como alternativa metodológica para pesquisa: algumas considerações. **Rev. Esc. Enf. USP**. São Paulo, v.24, n.1, p.139-147, 1990.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2, ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

NOGUEIRA, Simone G. **Processos educativos da capoeira angola e construção do pertencimento étnico-racial**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.

NOGUEIRA, Simone G. **Psicologia crítica africana e descolonização da vida na prática da capoeira Angola**. 2013. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica São Paulo, São Paulo, 2013.

OLIVEIRA, André L. **Os significados dos gestos no jogo da capoeira**. 1993. Dissertação (Mestrado em Educação: Supervisão e Currículo) – Pontifícia Universidade Católica São Paulo, São Paulo, 1993.

OLIVEIRA, Maria W. de; SILVA, Petronilha B. G.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; MONTRONE, Aida V. G.; JOLY, Ilza Z. L. Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisas em espaços sociais. In: OLIVEIRA, Maria W. de; SOUSA, Fabiana R. (Org.). **Processos educativos em práticas sociais: pesquisas em educação**. São Carlos: EdUFSCar, 2014, p.29-46.

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola: um ensaio sócio-etnográfico**. Salvador: Itapoã, 1968.

SANTOS, Boaventura de S.; MENESES, Maria P. Introdução. In: SANTOS, Boaventura de S.; MENESES, Maria P. **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SEVERINO, Antonio J. O universal, o singular e a historicidade na pesquisa do cotidiano. In: Simpósio Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos & V Encontro de

Fenomenologia e Análise do Existir, 3, 2006, São Paulo. **Anais...** São Paulo, SE&PQ, 2006, p.1-9.

SILVA, Francisco P. **Itinerários da capoeira**. Guarulhos: Monsanto Editora e Gráfica, 1979.

SILVA, Gladson de O. **Capoeira: do engenho à universidade**. 2. ed. São Paulo: CEPEUSP, 1995.

SILVA, Petronilha B. G. A palavra é.... africanidades. **Presença Pedagógica**. Belo Horizonte, v.15, n. 86, p.42-47, 2009.

SILVA, Petronilha B. G. Aprender a conduzir a própria vida: dimensões do educar-se entre afrodescendentes e africanos. In: BARBOSA, Lúcia M. de A.; SILVA, Petronilha B. G.; SILVÉRIO, Valter R. (Orgs.). **De preto a afrodescendente: trajetos de pesquisa sobre relações étnico-raciais no Brasil**. São Carlos: EDUFSCar, 2003, p.181-197.

SILVA, Petronilha B. G. **Referências e compreensões teóricas para o estudo de teoria da educação com aportes de africanidades**. São Carlos: Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros, 2013. (mimeo).

SODRÉ, Muniz. **Mestre Bimba: corpo de mandinga**. Rio de Janeiro: Manati, 2002.

SOUSA, Fabiana R. Sentidos e processos educativos consolidados na organização de uma festa popular. **Políticas Educativas**, v.3, p.79-95, 2009.

TÁPIA, L. E. R. Método em fenomenologia. In: MARTINS, Joel; DICHTCHEKENIAN, Maria. F.S.F. **Temas fundamentais da fenomenologia**. São Paulo: Moraes, 1994, p.69-74.

TEDLA, Elleni. **Sankofa: african thought and education**. New York: Petter Lang, 1995.

TUTU, Desmond. Ubuntu: sobre a natureza da comunidade humana. In: TUTU, Desmond. **Deus não é cristão e outras provocações**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2012, p.41-44.

## Apêndice 1 – Termo de consentimento Livre Esclarecido, Mestre. (TCLE)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Via Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676

Tel/Fax: (016) 3351-8356

CEP 13.565-905 – São Carlos - SP – Brasil

e-mail: [secppge@ufscar.br](mailto:secppge@ufscar.br)



### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você **Mestre Izael Teixeira**, está sendo convidado a participar da pesquisa sob o título provisório **“Pena de Ouro: escrevendo processos de educar e educar-se na roda de capoeira”**. A qualquer momento antes da conclusão desta, você poderá desistir de participar, retirando seu consentimento, sendo que sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição. O objetivo central deste estudo é identificar, descrever e compreender os processos educativos desencadeados na relação Mestre-Aprendiz no contexto das aulas de Capoeira da Associação Cultural e Desportiva Pena de Ouro, por você ministradas. Sua participação neste estudo consistirá em autorizar a utilização dos registros das observações produzidas pelo pesquisador, tais como: fotos, filmagens, registros das observações em diários de campo e entrevistas. Todos os dados serão utilizados exclusivamente para fins acadêmicos, possibilitando a divulgação dos resultados desta pesquisa em congressos, palestras e outros eventos científicos. O risco com sua participação é de eventual constrangimento pela situação de entrevista, registro de imagens ou registro de observações em campo, mas todos os cuidados estão sendo tomados para evitá-lo, tais como, solicitação prévia de autorização aos participantes e retirada de imagens e/ou declarações por estes/as indicados. Salientamos que poderá haver benefícios para o desenvolvimento de novas metodologias de trabalho pedagógico com Capoeira, trazendo subsídios a discussões na área de Educação e Educação Física, inclusive aprimorando processos de ensino e aprendizagem no sentido de contribuir para o desenvolvimento de uma práxis pedagógica que possibilite melhor significação das atividades realizadas pelos/as participantes, com repercussões em práticas escolares. Salientamos que seu nome será mantido, conforme indicação sua. Você receberá uma cópia deste termo onde constam os dados documentais e o telefone do pesquisador, podendo tirar suas dúvidas sobre a pesquisa, agora ou até a conclusão desta.

Gilmar Araújo de Oliveira

(RG: 60.222.994-7 / CPF: 302.331.158-70 / Tel.: (16)99194-5748 / e-mail: [araujodeoliveiragilmar@gmail.com](mailto:araujodeoliveiragilmar@gmail.com)), aluno regular do PPG/UFSCar, orientado pelo Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que

funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP - Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: cephumanos@power.ufscar.br

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_ .

Nome do Sujeito da Pesquisa: Izael Teixeira

(RG: \_\_\_\_\_ / CPF: \_\_\_\_\_ / Tel.: \_\_\_\_\_)

## Apêndice 2 – Termo de Consentimento Livre Esclarecido, Aprendizes (TCLE)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Via Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676  
Tel/Fax: (016) 3351-8356  
CEP 13.565-905 – São Carlos - SP – Brasil  
e-mail: [secppge@ufscar.br](mailto:secppge@ufscar.br)



### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você, \_\_\_\_\_, está sendo convidado para participar da pesquisa sob título provisório **“Pena de Ouro: escrevendo processos de educar e educar-se na roda de capoeira”**. A qualquer momento, antes da conclusão desta, você poderá desistir de participar retirando seu consentimento, sendo que sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador, com o Mestre de Capoeira ou com as Instituições envolvidas (Universidade Federal de São Carlos e Associação Cultural e Desportiva Pena de Ouro). O objetivo central deste estudo é identificar, descrever e compreender os processos educativos desencadeados na relação Mestre-Aprendiz no contexto das aulas de Capoeira da Associação Cultural e Desportiva Pena de Ouro, ministradas pelo Mestre Izael Teixeira. Sua participação neste estudo consistirá em autorizar a utilização de registros produzidos pelo pesquisador, tais como: fotos, filmagens, diários de campo e entrevistas. Todos os dados serão utilizados exclusivamente para fins acadêmicos, possibilitando a divulgação dos resultados desta pesquisa em congressos, palestras e outros eventos científicos. O risco com sua participação é de eventual constrangimento pela situação de entrevista, registro de imagens ou de observações em diários campo, mas todos os cuidados estão sendo tomados para evitá-los, tais como solicitação prévia de autorização aos participantes e retirada de imagens e/ou declarações por estes indicados. Salientamos que poderá haver benefícios para o desenvolvimento de novas metodologias de trabalho pedagógico com Capoeira, trazendo subsídios a discussões na área de Educação Física e da Educação em geral, inclusive aprimorando processos de ensino e aprendizagem no sentido de contribuir para o desenvolvimento de uma práxis pedagógica que possibilite melhor significação das atividades realizadas pelos participantes, com repercussões também no contexto escolar. Salientamos que os nomes dos participantes serão alterados, garantindo sigilo. Você receberá uma cópia deste termo onde contam os dados do pesquisador, podendo tirar suas dúvidas sobre a pesquisa a qualquer momento.

\_\_\_\_\_  
Gilmar Araújo de Oliveira

(RG: 60.222.994-7 / CPF: 302.331.158-70 / Tel.: (16)99194-5748 / e-mail: [araujodeoliveiragilmar@gmail.com](mailto:araujodeoliveiragilmar@gmail.com)), aluno regular do PPGE/UFSCar, orientado pelo Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP - Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: cephumanos@power.ufscar.br

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_ .

Nome do Sujeito da Pesquisa: \_\_\_\_\_

(RG: \_\_\_\_\_ / CPF: \_\_\_\_\_ / Tel.: \_\_\_\_\_)

\_\_\_\_\_

## Apêndice 3 – Diários de Campo

### *Diário de Campo I - 17/10/2014*

Nesta aula estávamos em seis pessoas (Mestre Izael, Eu, Pedro, Capota, Maria, Fernanda. O Mestre nesse dia iniciou a aula ao som do berimbau. Enquanto aquecíamos ele tocava o berimbau numa cadência muito bonita, tocando Idalina, Banguela, São Bento Grande, Cavalaria. E enquanto tocava todos nós fazíamos a ginga conforme o ritmo e vez ou outra o Mestre parava o berimbau para nos orientar como fazer essa ginga e as vezes me pedia para tocar o berimbau enquanto auxiliava os demais aprendizes. Logo em seguida me deixou tocando o berimbau, um toque chamado Idalina (toque de berimbau criado por Mestre Bimba), pediu a todos que entrasse na roda para gingar às vezes em duplas, às vezes em trios e ele mesmo participando desses trios. Perguntou-me se queria fazer também, disse que sim e nisso colocou a Maria para tocar o berimbau, ao perceber que ela não conseguiria tocar, por não saber o toque, disse a ela que fizesse o toque que soubesse que não teria problemas e logo em seguida disse a Maria que não tivesse medo, que ficasse à vontade para tocar assim ela ganhava confiança e também aprenderia os toques. Logo depois a turma foi dividida em duplas, cada dupla com um treino específico, Capota e eu fazíamos a primeira sequência, Maria e Pedro também iniciavam a primeira sequência enquanto a Fernanda fazia os primeiros movimentos, mais básicos. Com seu jeito bem peculiar de dar aulas, Mestre Izael conduziu o treino, ora nos orientando, ora orientando a segunda dupla e também a Fernanda. Em alguns momentos parava a todos para explicar um ou outro movimento. Devido ao clima muito seco e quente, o treino seguiu mais devagar, já no fim o Mestre passou à segunda sequência, fui ajudando o Capota por já conhecer a sequência e o Mestre sempre corrigia um movimento ou outro meu e também do Capota (1). Várias pessoas passaram pela Associação, umas para se informar sobre aulas de Capoeira, outras para falar com o Mestre, mães que trazem seus filhos cujo pai já treinou com o Mestre há muito tempo atrás (2)

CO: Entre um movimento e outro que o Mestre nos passa, ele sempre faz questão de mostrar, apontar para a foto do Mestre Bimba fixada na parede da associação e dizer algo a respeito. Fala como Mestre Bimba ministrava suas aulas, o que ensinava aos seus discípulos. E ele passa sempre a importância de lembrar-se de Mestre Bimba.

Já no fim das aulas nos reuniu em volta da roda, falou sobre a festa que oferecerá em comemoração dos trinta anos da Associação Pena de Ouro e o seu desejo de que nesse dia todos estejam vestidos de branco. Também disse que contará com convidados como Mestre Onça e Mestre Deputado, realizando oficinas e bate papo com os participantes. Também informou que o evento ocorrerá em novembro, parte na própria Associação e parte na Oficina Cultural Sérgio Buarque de Holanda. Por fim, tocou o hino da capoeira regional, também conhecido como São Bento Pequeno, ou Apanha a Laranja no Chão Tico-Tico e terminamos o treino. Em um momento da aula, o Mestre apontou um pássaro para todos/as, segundo ele um assanhaço papa laranja que todos os dias vem até o seu tanque de lavar roupas para beber água e se refrescar. Nos diz ainda que aquele momento é cortesia, que ele não cobra nada, assim como as flores que cultiva no quintal da associação. (3) Antes de sair, todos se despedem e assinam o livro de registros da Associação. (4)

## *Diário de Campo II - 31/10/2014*

Cheguei à Associação por volta das dezesseis e quarenta, o Mestre me recebeu com a alegria de sempre pedindo para que eu entrasse. Conversava comigo enquanto organizava alguns papeis e disse: “Enquanto descanso, carrego pedra, como já dizia minha mãe”. (1) logo em seguida chegaram Pedro e Capota. Eu já havia me trocado e, enquanto Capota e Pedro se trocavam, o Mestre armava um de seus berimbaus, me dizendo como o som daquele berimbau era bom. Realmente o berimbau estava com um som muito bom! Explicou o Mestre que o segredo está no modo de afinar o instrumento e o ajuste da cabaça, e sorrindo nos disse, que um dia nos ensinaria. Depois que todos/as já haviam se trocado, e estavam à espera do início do treino, o Mestre começou explicando como o faria. Disse ele que começaria tocando o berimbau em um ritmo bem cadenciado, dessa forma daríamos início ao treino aquecendo, mas sem forçar de mais devido ao forte calor que fazia naquela tarde. Assim sendo, ele iniciou o treino com um toque de Idalina (toque de berimbau criado por Mestre Bimba), demonstrando como ele queria que fizéssemos a ginga naquele momento. Segundo ele, devemos obedecer ao ritmo do berimbau, gingar balançando o corpo, sem acelerar e nem diminuir o ritmo. Fez vários toques de berimbau da capoeira regional, sempre parando e explicando o modo de gingar em cada um deles. Também, entre um toque e outro, dizia não se lembrar qual o nome de determinado toque, nos perguntando se sabíamos o nome, apenas o Capota arriscava responder, o Pedro se manteve apenas sorrindo e dizendo que não sabia, o Capota disse que também não sabia, mas que chutaria uma resposta e assim o fez, não acertando o toque. Eu sabia, mas não respondi até que o Mestre me perguntasse. Quando me perguntou eu disse que achava ser o toque de Amazonas, ele prontamente me questionou: acha ou é? Eu então confirmei que sim, era o toque de Amazonas. Na sequência, para demonstrar um movimento para nós, me deixou tocando o berimbau. (2) Terminado sua demonstração, veio pegar o berimbau que estava em minhas mãos, e já com uma nova pergunta. Perguntou-nos: “De que modo se guardavam os berimbaus na academia do Mestre Bimba”. Todos/as disseram não saber, ele então me perguntou novamente, expliquei a ele que nas academias de capoeira regional os berimbaus são guardados com a cabaça para o lado de cima, me disse que estava correta a resposta e contou uma história que seu avô de capoeira, Mestre Limãozinho, havia lhe contado, e logo em seguida contou porque guardava os berimbaus daquela forma. Disse que Mestre Limãozinho, quando esteve na associação para dar uma vivência, contou que costumava guardar os berimbaus com a cabaça para baixo até ter uma conversa com Mestre Deputado, seu Mestre na capoeira regional, ele lhe explicou, que a cabaça é a cabeça do berimbau e que por isso deve ser mantida para cima, mas que isso lhe gerou outra dúvida, que iria perguntar ao Deputado na próxima vez em que o encontrasse. A dúvida é em relação ao momento em que está tocando o berimbau, pois nesse momento o instrumento fica com a cabaça (“cabeça”) para baixo. (3)

CO: O Mestre constantemente me pede para tocar o berimbau quando está dando aula ao som do mesmo, quando precisa demonstrar algum movimento. As vezes pede para um dos outros aprendizes também, diz para que não tenham medo de errar, que estamos lá para ir aprendendo e aprender juntos. (4)

Logo em seguida, fomos para o meio da roda e ele começou a explicar alguns movimentos, nesse momento a Maria chegou. Pediu desculpas pelo atraso, e se juntou a nós. O Mestre disse que tudo bem e prosseguiu com o treino. Depois de explicar um movimento para

mim e para o Pedro, pediu para que Capota e Maria prestassem atenção, porque “olhando também se aprende”, disse ele. Formamos duplas e começamos o treino com a sequência de Mestre Bimba, metodologia que Mestre Izael segue fielmente. Nesse dia deu mais atenção a Maria e Capota, mas sem descuidar do meu treino com o Pedro, sempre que percebia algo que ele achava não estar adequado vinha até nós, pedia para que parássemos, explicava o movimento. (5) em um dado momento do treino, enquanto treinávamos as sequências, o Mestre falou sobre um acontecimento em sua vida, logo quando começou a praticar capoeira com seu Mestre Simeão. No meio da fala, quando foi se referir a algumas pessoas, que não foi de uma forma muito boa, preferiu sair da roda, falando o que tinha para falar fora dela.

CO: Mestre Izael, sempre que vai explicar um movimento, quadra ou situação de jogo, faz questão de contar uma história, uma passagem de sua vida, ou um relato de algum feito de Mestre Bimba. Tal é recorrente em todas as aulas. Só não entendi muito bem o porquê saiu da roda, mas me recordo que em outros momentos ele chama a atenção se alguém invade o espaço da roda se não estiver naquele instante jogando.

Nesse dia treinamos até a terceira sequência de Mestre Bimba, logo deu o horário e terminamos o treino. E como de costume, sempre que a aula acontece ao som de berimbau, ela também é terminada assim, todos em pé ao redor da roda, mas sem pisar dentro dela, então o Mestre tocou o chamado hino da regional, o São Bento Pequeno, ou apanha a laranja no chão tico-tico. Assim que ele terminou todos/as bateram palmas e se cumprimentam. Mestre Izael sempre nos diz para bater palma bem forte, segundo ele, Mestre Bimba sempre fazia o mesmo. (6)

### ***Diário de Campo III - 07/11/2014***

Nessa sexta, quando me dirigia para a Associação Pena de Ouro, recebi uma mensagem da Fernanda, uma das alunas, dizendo que não poderia ir ao treino pois não estava se sentindo muito bem. Disse a ela que fosse, mesmo que não conseguisse fazer o treino, poderia observar, tocar algum instrumento, mas ela resolveu não ir e pediu que a avisasse caso fôssemos a algum lugar depois, é que todos os alunos criaram o hábito de sempre fazer alguma coisa pós treino.

Quando cheguei na associação, encontrei o Mestre Izael e o Capota, agora chamado de “Capota”, apelido dado pelo Mestre ao Capota que gostou muito da nova forma de ser chamado pelos amigos de capoeira. Logo em seguida chegaram Maria e Pedro, nos trocamos e de imediato o Mestre começou o treino.

O Mestre seguiu tocando berimbau enquanto gingávamos para aquecer. Enquanto tocava e, quando mudava de um toque para outro, sempre parava e nos explicava a forma de gingar quando se faz aquele toque, o ritmo do berimbau que devemos obedecer. Fez vários toques e em cada um deles demonstrava uma forma de gingar. Logo após separou todos em duplas e pediu que fizéssemos as sequências de Mestre Bimba e ia nos corrigindo a cada movimento, é o que ele chama de lapidação, nos ensina a sequência, quando aprendemos todos os movimentos ele vai corrigindo todas as posições. Conseguimos avançar até a terceira de oito sequências com o Mestre Izael sempre nos acompanhando. (1). Nesse dia, o Mestre parou o treino uns minutos antes do fim, pediu para que ficássemos em roda, pegou um pandeiro e como faltava uma semana para comemoração dos trinta anos da Associação Pena de Ouro, informou que não haveria aula na próxima semana, pois estaria com muitos afazeres para organizar o evento, falou sobre a programação, dos Mestres que chegariam na próxima semana

para a comemoração. Disse aparentemente emocionado o que era comemorar trinta anos da Associação no mesmo lugar, enfrentando dificuldades e resistindo a todas as adversidades, mas que fazia pelo o amor a Capoeira. Agradeceu por estarmos ali com ele e também disse que a nossa presença seria muito importante no evento e como sempre diz: vamos aprender juntos. (2)

Depois disse que sortearia entre nós um berimbau, dentro do pandeiro estava o nome de todos que treinavam naquele horário, pediu que cada um pegasse um papel, mas que não abrisse, estava sobrando um, o da Fernanda, o Mestre então disse que ele a representaria. Se dirigi a um lugar atrás de um armário sempre dizendo para não olhar o que estava escrito, pegou o berimbau e voltou. Disse que agora poderíamos abrir e ver o que estava escrito no pedaço de papel, um de cada vez. O primeiro a abrir foi o “Capota”, depois Pedro, Maria, eu, o Mestre representando a Fernanda. Para a surpresa de todos, havia somente um nome escrito em todos os papeis, Siri! Todos estavam sem entender, até o Mestre dizer que era uma brincadeira e que na verdade o berimbau seria um presente do “Capota” para mim. Na semana anterior, o Mestre Isael nos mostrava um berimbau muito bom, perguntou se eu não queria compra-lo, mas não falou sério, não entendi e ao fim do treino perguntei se ele ia mesmo vender o berimbau, pois compraria caso ele fosse mesmo vender. O Mestre sorriu e disse que era brincadeira, pois aquele berimbau ele havia ganhado de um amigo, Mestre Divino, e que não estava a venda mais que tinha outros berimbaus de seu uso que poderia vender, como era berimbau que ele usava eu teria que estar disposto a pagar um preço muito alto pois só assim ele venderia. Eu disse que não, que deixasse lá mesmo o berimbau que estava no lugar certo.

O Capota ouviu toda essa conversa e então combinou com o Mestre a brincadeira e também encomendou um berimbau e me presenteou na semana seguinte. Disse ele que era pela nossa amizade, que um dia eu contasse essa história por aí e também para me ajudar com a formação da minha bateria. O Mestre escreveu na madeira o meu nome completo e apelido, também umas patinhas que lembra um siri. Fiquei bem feliz com o presente, agradecei a todos, e assim terminamos nosso treino dessa sexta feira. (3)

### ***Diário de Campo IV - 21/11/2014***

Uns dias antes recebi uma mensagem no celular da Andorinha, uma ex-aluna do Mestre que agora mora em outra cidade e que tem a preocupação de sempre visitá-lo e, sempre que possível, também treinar. Ela me perguntava a que horas estaria na Associação, pois gostaria de treinar e queria companhia. Informei a ela que treinamos todas as sextas a partir das 16 horas. Quando cheguei à Associação por volta das 15h30min. ela já estava lá com Capota e o Mestre, coloquei minha bolsa no lugar reservado a elas, voltei, cumprimentei a todos/as e me sentei com eles. Andorinha me ofereceu um sorvete e pediu que eu pegasse na geladeira. Não prestei muita atenção sobre o que conversavam. Aquela sexta-feira foi bem intensa e quando cheguei a Associação estava me sentindo bem cansado, muito distraído, apenas tomei o sorvete sem pensar em muita coisa. Logo a Maria chegou, já estava dando o horário de início do treino, todos já haviam se trocado. Nesse dia o treino se iniciou no meio da conversa mesmo, de uma forma mais espontânea, estávamos todos por ali e entre uma conversa e outra o Mestre pediu para que formássemos duplas e começássemos a gingar para aquecer, pediu que ficasse Capota e eu, Andorinha e Maria. (1)

CO: notei o Mestre meio cansado também, diferente dos outros dias, não sei se por conta do fim de semana que foi bem intenso e cansativo.

Nesse instante o Pedro chegou à Associação. O Mestre havia dito que ele treinou no dia anterior e por isso não viria ao treino nesta sexta. O Pedro falou com todos e em seguida foi resolver alguns assuntos com o Mestre, feito isso se despediu e disse que teria que ir trabalhar, já estava meio atrasado, perguntei a ele até que horas trabalharia porque sempre fazemos algo depois do treino e então ele me disse que ia viajar, desejamos uma boa viagem, ele agradeceu e foi embora.

Logo que o Pedro foi embora, o Mestre disse para parar o que estávamos fazendo e fossemos até o quadro negro. O que ele chama de quadro negro é um mural onde mantem algumas reportagens sobre capoeira com Mestre Bimba, Nenel, dentre outros e também um regulamento que Mestre Bimba usava em sua academia. Fez questão de ler todos os regulamentos um por um.

CO: nessa hora pensei que poderia estar bravo por conta de nossas conversar, pois consta nesse regulamento que os alunos não devem conversar muito entre si, devem aproveitar a aulas ao máximo já que estão pagando por elas e a conversa pode atrapalhar esse aproveitamento, mas apenas leu o regulamento sem chamar atenção para nada. (2)

Logo em seguida o Mestre terminou o treino, como todo o treino foi sem música, toques de berimbau como é de costume, o Mestre só avisou que já tinha dado o horário, que terminava ali o treino. (3)

### ***Diário de Campo V - 05/12/2014***

Nesse dia, Maria e Fernanda não compareceram a Associação. Apenas Pedro, Capota e eu participamos do treino. O Mestre não utilizou o som no rádio, nem berimbau. Apenas pediu para que Capota e eu começasse a gingar, entrando da roda de au, foi o que fizemos enquanto Pedro fazia o mesmo um pouco atrás de nós.

Logo o Mestre resolveu participar do nosso aquecimento, entrou na roda e fazia a ginga junto conosco, e vez enquanto corrigia alguns de nossos movimentos, também convidou o Andersom para participar, ficamos os quatro dentro da roda gingando hora em um sentido, hora em outro, de frete e de costas para o centro da roda. Na sequência Mestre Izael colocou o Pedro treinando com uma cadeira, fazendo uma série de movimentações enquanto Capota e eu ficamos dentro da roda. Logo o Mestre disse para treinarmos au de um lado a outro do salão, ele sempre parava para corrigir o Capota que ainda tem alguma dificuldade para fazer o au da maneira que Mestre Izael costuma treinar. (1)

CO: noto que Capota vem se esforçando muito para melhorar, e toda vez que o Mestre o corrige ele tenta melhorar ainda mais os movimentos.

Passamos para a sequência do treino, onde o Mestre propôs que a gente fizesse um au e na sequencia um role, movimento bem difícil de ser executado e que exige muito esforço. Repetimos por algumas vezes essa movimentação, sempre que cansamos, damos uma volta ao mundo, tomamos agua, conversamos um pouco para descansar. Em seguida passamos a fazer a sequência de Bimba.

CO: desce o início dos treinos, há uns meses atrás, treinamos sequência de Bimba todos os dias, são oito as sequencias, ainda não passamos da terceira. (2). Fomos treinando as sequências até a terceira novamente, Capota e eu, com o Mestre nos observando de perto e

interrompendo vez ou outra para corrigir uma coisa ou outra e também sem esquecer de dar atenção ao Pedro. Num dado momento o Mestre notou que o Capota havia se cansado, então pediu para que ele se sentasse enquanto Pedro e eu dávamos sequência ao treinamento. Ele e o Capota, sentaram-se em um banco bem próximo a roda, ficaram conversando e ao olhar nosso treino o Mestre reparou minha dificuldade em esquivar para o lado esquerdo, quando fazíamos um determinado movimento e o Pedro quase me acertou o nariz com uma benção. Então ele parou o treino nesse momento e falou sobre a minha dificuldade e o que eu deveria fazer para melhorar. Mostrou várias formas de exercícios que posso fazer. CO: nessa hora, fiquei bem satisfeito com a atenção que o Mestre nos deu, não só eu, também Capota e Pedro, podemos perceber ali a preocupação que tem com seus alunos. Terminamos o treino após as 16h30min., horário combinado para terminar, nos trocamos, assinamos o livro de presença e fomos embora. Pedro, Capota e eu sempre fazemos algo depois dos treinos e nesse dia não foi diferente. (3)

### ***Diário de Campo VI - 19/12/2014***

Cheguei a Associação por volta das 15h30min, estava bastante cansado pois havia participado de atividades com um grupo de caminhada a manhã toda. Na hora em que cheguei se encontrava por lá apenas Mestre Izael e dona Cleide. Dona Cleide é uma das integrantes da associação, não tenho muita certeza qual cargo ocupa na associação, é muito amiga do Mestre Izael também, sempre a encontro por lá.

Enquanto dona Cleide e Mestre Izael conversavam, após ter falado com os dois, me troquei e fiquei sentado em um canto no salão, foi quando chegaram Pedro e Fernanda, nesse momento dona Cleide se despediu de todos e foi embora e logo demos início ao treino. (1) Pedro e eu treinamos juntos enquanto Fernanda treinava ao lado no desenho de triângulos que o Mestre tem no chão da academia para iniciar os alunos a ginga. O treino seguiu bem tranquilo, não apareceu mais ninguém para o treino naquela sexta-feira. Pedro e eu treinamos as sequencias de Bimba enquanto Fernanda fazia a ginga e movimentos básicos em seu treino. Neste dia o Mestre falou pouco, deu mais atenção a Fernanda, deixando Pedro e eu seguir com o treino das sequencias apenas nos observando. Dado o horário para o término do treino, todos se trocaram, assinaram o livro de registros, se despediram do Mestre e foram embora. (2)

### ***Diário de Campo VII - 30/01/2015***

Por volta das 15:30 cheguei a Associação, Capota já estava por lá conversando com o Mestre Izael. Cumprimentei os dois e fui trocar de roupa. Na sequência, logo que voltei do vestiário, já se encontrava na associação: Fernanda e Maria.

Começamos o treino com Fernanda e Capota fazendo a ginga, aquecendo nas marcações no chão em uma parte do salão, enquanto Maria e eu fazíamos o mesmo na roda no centro do salão. (1)

Nesse interim, Spina, que já estava interessado a treinar há algum tempo, chegou. O Mestre brincou com ele pois teve um pouco de dificuldade para abrir o portão que dá acesso ao salão. Spina não quis treinar, quis ficar só observando a aula aquele dia.

CO: enquanto treinávamos, Spina lia todos os artigos sobre capoeira que Mestre Izael mantém colado nas paredes em todo o salão. (2)

O treino seguiu sem grandes mudanças. Depois de um aquecimento, ginga, cocorinha, negativa, esquivas lateral, fomos para a sequência de Mestre Bimba. Maria e eu conseguimos realizar até a quarta sequência. Já Capota e Fernanda fizeram movimentação de ginga, escala de mão, negativa e cocorinha.

CO: nesse dia, Mestre Izael deu uma atenção maior para Capota e Fernanda, geralmente ele se atenta mais a meu treino e a outra pessoa que está treinando comigo. Mestre Izael me pareceu bem entusiasmando naquele dia, estava mais alegre também. (3)

Já mais para o fim do treino, o Mestre avisou sobre a reunião da associação que aconteceria na manhã de sábado, convidou a todos e todas para participarem. Pedi também que todos assinassem o caderno de presença antes de irem embora. Naquele momento me lembrei de uns berimbaus que o professor Luiz havia encomendado e que já estavam prontos há um certo tempo, para leva-los para o professor, pedi para Spina que estava de carro e que estaria com o professor no dia seguinte se ele não poderia levar os berimbaus, Spina disse que sim, nessa hora Mestre Izael brincou comigo dizendo: Aleluia, finalmente!!! (4)

Quando já estávamos todos e todas do lado de fora da associação, depois que nos despedimos do Mestre, Fernanda, Maria, Capota, Spina e eu fomos para um bar onde ficamos conversando um pouco. Spina e Capota nos contou como foi a viagem que fizeram de bicicleta pelo nordeste brasileiro e como todos são professores, falamos um pouco sobre a escola e os projetos que trabalhamos. Depois de pouco mais de uma hora que estávamos no bar, todos e todas já precisavam ir embora, então acertamos nossa conta nos despedimos e fomos embora. (5)

## ***DIÁRIO DE CAMPO VIII - 06/02/2015***

Nesta sexta-feira, sai de casa uma hora antes do início do treino, precisava passar em alguns lugares antes de ir para a associação. No caminho recebi uma mensagem do Capota dizendo que não poderia ir no treino nesse dia, Fernanda também já tinha me avisado que não poderia ir, pois estava ocupada com os preparativos de sua colação de grau e festa de formatura no curso de Educação Física.

Quando cheguei à Associação, faltando uma meia hora para o início do treino, encontrei o Mestre sentado na calçada em frente a associação olhando a rua. Me sentei com ele e ficamos conversando. Deu o horário do treino e não apareceu mais ninguém, então continuamos a conversar. Logo o telefone tocou, o Mestre foi lá dentro atender, um pouco depois voltou sorrindo, me dizendo que era alguém de um hotel perguntando se ele não poderia dar aulas de capoeira para os hóspedes do hotel durante o carnaval, o Mestre disse que dispensou, perguntei por que ele dispensou, me disse ele que sozinho não iria, então disse ao Mestre que devia ter aceito o convite que eu ia com ele ajuda-lo nas aulas. O Mestre gostou da ideia, e disse que na próxima vez ele vai me consultar antes de dispensar um trabalho desses. Continuando nosso bate papo, o Mestre me disse que faz muita falta alguns de seus alunos iniciados com ele na capoeira e que hoje já não treinam mais, disse também que o que mais faz falta é Popó, hoje morando em Brasília, era quem muito lhe ajudava quando ainda morava em São Carlos e treinava todos os dias com o Mestre.

CO: enquanto o Mestre falava de alguns de seus ex-alunos, pude sentir que ele ainda tem muita magoa de alguns, vira e mexe ele está falando de um deles, sem citar nomes, mas sempre fala de um ex-aluno.

Fomos para dentro do salão e o Mestre me perguntou o que eu queria fazer já que era o único que estava lá para treinar. Disse ao Mestre que podíamos tomar um café e continuar a conversar, ele sorriu e disse que tinha um café que acabará de passar, perguntou se eu queria comer alguma coisa, um pão, biscoito, como tinha comido a pouco tempo, tomei só um o café.

CO: o bom de ficar conversando com o Mestre Izael é que ele tem muitas histórias sobre capoeira e capoeiristas para contar, fala de todos que ele conhece nesse meio, do respeito que todos têm por ele, e como respeita a todos também. Fala da falta que faz seu Mestre Simeão por ter convivido com o mesmo apenas dois anos. O modo de vida simples que escolheu para viver, a forma com resiste trabalhando com capoeira a mais de trinta anos ali naquele local. (1)

Ficamos conversando até mais ou menos umas dezenove horas, foi quando chegaram a associação os alunos que fariam o treino das dezenove às vinte e meia. Chegaram Lazer e também um aluno do Mestre conhecido como “Piroleta” que tive o prazer de conhecer naquela tarde. O próprio Piroleta me contou que o seu primeiro contado com Mestre Izael e a capoeira foi em um projeto que o Mestre dava aulas na escola Sebastião de Oliveira Rocha na década de noventa, que depois que o projeto teve fim ele sempre pensou em voltar a praticar capoeira, mas que só foi possível agora. E que mesmo sem poder treinar por diversos motivos, sempre que podia passava pela associação para bater um papo com o Mestre.

CO: Mestre de capoeiras como Mestre Izael e tantos outros Mestres da cultura popular são capazes de nos marcar, mesmo depois de tanto tempo passado, de um contato breve em um determinado período, não esquecemos mais, e muitas vezes tem o poder de mudar nossas vidas. (2)

Depois de uma tarde de muito aprendizado, de uma boa conversa, me despedi do Mestre e os alunos que se encontravam na associação para treino naquele horário e fui embora com muita coisa em minha cabeça, tudo o que o Mestre me disse, tudo que conversamos.

## ***DIÁRIO DE CAMPO IX - 13/02/2015***

Na sexta-feira de carnaval, somente eu e Capota fomos ao treino. Quando cheguei, Capota já estava por lá conversando com o Mestre, só foi o tempo de eu ir me trocar para o Mestre Izael dar início ao treino daquela sexta-feira.

Começamos o treino, gingando no centro da roda para aquecer, como sempre fazemos quando treinamos juntos, na sequência treinamos cocorinha, negativa e esquiva lateral, fazemos todos esses movimentos até o Mestre dizer para dar início a sequência de Mestre Bimba. Então partimos para a primeira das oito sequências com o Mestre sempre por perto fazendo umas correções em alguns movimentos que executávamos e ele achava que poderia ficar melhor, então ele repetia o movimento, mostrando como havíamos feito e logo em seguida, mostrava como ele gostaria que fizéssemos, nos explicando passo a passo

o porquê ficaria melhor fazendo daquela outra forma. Naquela tarde, Capota e eu chegamos até a terceira sequência. Passamos uma tarde muito agradável, apesar de o treino exigir da gente um esforço grande, não sentimos o cansaço, sempre fazíamos uma pausa para tomar água, quando era perdida a concentração se dava uma volta ao mundo, conversávamos sobre tudo durante o treino, riamos de nossos erros e Mestre Izael sempre muito próximo nos auxiliando. (1)

Mestre Izael encerrou o treino às 16:30. Deu alguns informes sobre a associação, fez algumas recomendações como sempre faz a todos os seus alunos e nos desejou um excelente fim de semana. Capota e eu assinamos o livro de presença nos despedimos do Mestre e saímos da associação.

CO: na calçada, em frente a associação, Capota me dizia o quando Mestre Izael é uma pessoa boa e de profundo conhecimento, tanto com relação a capoeira como nas coisas da vida, modo de viver e se relacionar com todo mundo. Disse ainda que não entendia como não conseguia ter uma vida financeira um pouco melhor, pois ainda vive acumulando outras funções para sobreviver. (2)

### ***Diário de Campo X - 20/02/2015***

Hoje estavam presentes na Associação Pena de Ouro para participar do treino, além do Mestre Izael e de mim, Highlander, Fernanda, Pedro, Arnaldo, Capota. Nesse dia Mestre Izael mudou um pouco a dinâmica da aula. Começou a aula ao som do berimbau, enquanto ele tocava todos gingavam dentro do ritmo, na mesma cadência, em seguida, formou duplas, gingavam um de frente para o outro e ao comando do Mestre todos mudavam de duplas. Fizemos isso por alguns minutos. Logo em seguida o Mestre organizou as duplas para o treino colocando os alunos com mais tempo de treino com os que estavam iniciando. Ficaram juntos Highlander e Fernanda, Pedro e Arnaldo, Capota ficou junto comigo. Como já estavam todos aquecidos, fomos direto para a primeira sequência. O Mestre ficava andando pelo salão, uma hora com uma dupla, outra hora com outra, sempre dando atenção a todos. (1)

CO: o que pude observar nesse dia, que todos os alunos mais velhos estavam muito empenhados em ajudar quem estava começando, explicavam o movimento com muita paciência e atenção, quando não conseguiam, chamavam o Mestre Izael para que os ajudassem, e as vezes recorriam a mim também. (2)

Se aproximando das 20h, o Mestre perguntou se alguém poderia ficar até às 21hs, alguns disseram que não poderiam, Capota disse que poder ele poderia, só não conseguiria fazer mais nada pois estava muito cansado. Em vista disso o Mestre encerrou o treino às 20h30min. No fim Mestre Izael pegou o berimbau e tocamos durante alguns minutos. Depois disso, todos ficaram por lá conversando, Arnaldo passou o contato dele para toda a gente, divulgando o seu trabalho e por fim saímos todos e todas da associação por volta das 21h. (3)

Após o treino, Pedro, Capota foram tomar uma cerveja em um bar que fica próximo a associação, Fernanda e eu optamos por um açaí. Em nossa conversa, Fernanda me disse que tinha gostado muito da aula, a dinâmica, a atenção que Highlander deu a ela durante todo o treino. Me disse também que não gostava muito de treinar sozinha como estava sendo as aulas anteriores. Eu disse para a Fernanda que o Mestre Izael segue à risca a

forma de ensinar capoeira do Mestre Bimba, pois ele mesmo aprendeu com Mestre Deputado e Mestre Onça, seus Mestres e alunos diretos de Mestre Bimba, e que era difícil ele mudar alguma coisa. (4)

### ***Diário de Campo XI - 27/02/2015***

Nesta tarde fui para a Associação algumas horas antes do início do treino, havia combinado com o Mestre Izael de passar a tarde com ele para que ele me contasse um pouco de sua história com a capoeira, como tinha conhecido, com quem treinou e quando fundou a Associação Pena de Ouro. Mestre Izael me contou quase toda sua trajetória enquanto capoeira, as dificuldades para se manter dando aulas, algumas mágoas que tem com relação a alguns ex-alunos..., mas que ele se mantém dando aulas, com a associação funcionando porque gosta muito de capoeira e que nunca pensou ou tinha pretensão de se tornar Mestre de capoeira, apenas pratica capoeira e dá aulas por gostar de capoeira. (1)  
Seguimos conversando, eu mais ouvindo o Mestre do que falando alguma coisa quando lá por volta das 16hs Maria chegou na associação, nesse momento me lembrei que havia esquecido de avisar Maria que combinamos de transferir o horário do treino das 16hs para às 19hs. Maria não se importou muito, sentou ao meu lado e passou a ouvir também o que o Mestre dizia. Mas isso não me livrou de uma multa do Mestre por não ter avisado a todos e todas que mudamos o horário do treino.

CO: esta mudança de horário ocorreu depois de uma conversa com todos/as participantes que acharam melhor o treino um pouco mais tarde, assim os treinos reúnem mais pessoas e o horário fica melhor para todos/as. (2)

Mesmo com a tarde toda dedicada a conhecer a história do Mestre Izael, não conseguimos chegar ao final, paramos no meio, pois os alunos/as começavam a chegar para o treino. A primeira a chegar foi Fernanda, na sequência Highlander, Arnaldo e Pedro. Capota havia mandando mensagem via celular dizendo que estava indisposto e não poderia estar presente. Para o treino, Mestre Izael organizou as seguintes duplas: Maria e eu, Highlander e Fernanda, Arnaldo e Pedro. As duplas treinaram as sequências de Mestre Bimba. Já Maria e eu treinamos algumas entradas e saídas de rasteiras e arrastões. Mestre Izael também fez comigo e Maria um treino de ginga a três e um tipo de movimentação onde ficamos um bem próximo ao outro. Segundo o Mestre, é para que a gente aprenda a jogar com duas ou mais pessoas, não ficar apavorado na hora do jogo mais próximo e ficar sem saber o que fazer.

CO: nesse dia, pude ver o Mestre muito mais animado do que nos outros dias em que estou na associação. Fez piadas, gingou com a gente e deu atenção a cada um dos/as alunos.

Faltando uns 25 minutos para o fim do treino, o Mestre armou um berimbau, pediu para que todos/as ficassem de pé na roda e avisou que todos/as iriam jogar um pouco, que faríamos um jogo no ritmo do berimbau. Tocando São Bento grande da regional em um ritmo bem cadenciado, deixou que todos/as entrassem na roda e jogassem um pouco, todos puderam jogar ao menos umas duas vezes com exceção de Fernanda, por ser a aluna com menos tempo de treino, iniciando o aprendizado das oito sequências agora, Mestre Izael deixou que ela fizesse um jogo já no final com a Maria.

CO: o Mestre ficou muito feliz ao ver Fernanda executando na roda todos os movimentos que haverá aprendido nos treinos, dizendo a ela que ele gostaria de ter uma aluna como ela. Nos organizamos para ir embora na sequência, Fernanda disse ao Mestre que não poderia mais frequentar as aulas de sexta-feira à noite, pois suas aulas na faculdade começariam na semana seguinte e acertou para treinar as segundas-feiras, logo o Mestre avisou Highlander para não faltar e assim continuar a treinar com Fernanda como vinham fazendo nos últimos treinos. (3)

### ***Diário de Campo XII - 06/03/2015***

Havia combinado com o Mestre Izael chegar um pouco mais cedo na associação novamente esta sexta-feira. Pretendia chegar por volta das 16hs, mas durante a semana, recebi uma mensagem de uma das alunas do Mestre me avisando que estaria na associação as 14hs e se eu não poderia chegar nesse mesmo horário para fazer um treino com ela e também tratar de algumas questões referente a associação tais como: projetos que pretendemos escrever, divulgação do trabalho do Mestre, oficina que ocorrerá no mês de maio dentre outras coisas. Assim, me dirigi para associação um pouco mais cedo do que havia planejado. Encontrei com Andorinha já no caminho, fomos conversando até a associação. Quando lá chegamos as portas estavam fechadas, percebemos que o Mestre estava por lá, então ligamos para ele que não nos atendeu, mas quando ouviu o telefone tocar deu um grito de lá de dentro e logo veio nos atender. Em conversa com o Mestre, Andorinha e eu acertamos um cartaz para divulgação da oficina do Mestre Marrom, o ofício para pedir patrocínio e cartaz para divulgação do trabalho do Mestre. Em seguida Andorinha e eu fizemos um treino com a ajuda do Mestre Izael. Um treino de 01:30hs em um ritmo bem cadenciado.

CO: Andorinha atualmente mora em Campinas, é membro da associação e sempre que vêm a São Carlos passa um tempo com o Mestre na associação. O Mestre se mostra muito feliz com a presença dela. (1)

Por volta das 16h45min. Andorinha precisou ir embora, ficamos o Mestre e eu conversando sobre os anos em que pratica somente a capoeira regional. Foi me falando o do contato com Mestre Nenel, Mestre Luizinho, ambos filhos de Bimba e posteriormente o contato com os Mestres Onça e Deputado que foram alunos de Mestre Bimba e hoje fazem parte da Escola Bimba meu Mestre. Mestre Izael considera os dois seus Mestres agora. (2)

Por volta das 18h30min. Chegaram a Associação Highlander e Pedro. Neste dia foi realizado na ONG “TEIA-Casa de Criação” uma vivência de jongo e samba de coco, todos/as alunos do Mestre combinaram de ir e convidaram o Mestre para ir também e ele aceitou o convite.

CO: todos e todas nesse dia, perceberam que o Mestre estava bem contente, feliz. Em conversa com o Derso, ele me disse que já fazia um tempo que não via o Mestre tão feliz.

Depois de um treino de uma hora, o Mestre terminou a aula, disse a todos/as que em virtude da vivência da TEIA estava terminando a aula um pouco mais cedo, fez questão de ressaltar a importância de conhecer todas as manifestações da cultura popular e nesse caso também cultura afro-brasileira. De todas às pessoas que estavam na associação, apenas

Highlander não quis nos acompanhar até a TEIA, decidiu voltar para casa, todos/as se organizaram, quem estava de carro deu carona aos demais.

CO: percebi que todos/as que vêm treinando juntos a um tempo já, estão criando afinidades, passando mais tempo juntos, tanto para treinar quanto para fazer outras coisas fora do horário de treino e da associação, se fortalecendo enquanto grupo, comunidade. (3)

### ***Diário de Campo XIII - 13/03/2015***

Estavam presentes na Associação apenas os alunos, nenhuma das alunas apareceu para o treino neste dia. Todos estavam bastante animados para o treino, chegavam cantando, dando risadas e brincando com os colegas. Treinaram juntos neste dia: Pedro, Highlander, Capota, Arnaldo e Richard. Também nesse dia começou a treinar Hulk, sendo, portanto, o único a não treinar em duplas, pois era seu primeiro dia. Foi para o que o Mestre chama de gabarito (marcas feitas no chão em forma de triângulo) onde é ensinado a ginga e os primeiros movimentos. Todos os outros deram início ao aquecimento com ginga, cocorinha, negativa, esquivas lateral, esquivas lateral com rolê, au e au de rolê, em seguida as sequências de Mestre Bimba. Após todos terem feito até a terceira e quarta sequência, mais ou menos, o Mestre parou o treino, armou um berimbau e pediu para que todos se dispusessem na roda. Explicou que tocaria um pouco para todos jogar, com exceção de Hulk que estava iniciando os treinos aquele dia, então Mestre Izael pediu para que ele ficasse na roda observando. Mestre Izael também pediu para todos que durante os jogos, utilizassem os movimentos aprendidos com a prática das sequências. Todos tiveram a oportunidade de jogar pelo menos umas duas vezes antes do final da roda. O Mestre já havia nos avisado de que começaria a aplicar algumas multas assim como fazia Mestre Bimba em sua academia. Essas multas servem para deixar os alunos sempre mais atentos. Mestre Izael sempre nos explica isso e como Mestre Bimba fazia em sua academia. Durante a roda, toda vez que alguém esquecia algo, errava algo ou deixava de fazer algo o Mestre parava o berimbau e dizia a quem estava jogando que ele estava multado por ter feito isso ou aquilo durante o jogo e então pedia para que Pedro marcasse no mural o nome e o valor da multa. Quando terminou a roda o Mestre explicou o porquê das multas, como seria gasto o dinheiro arrecadado, disse ele que ajudaria na festa de comemoração dos 34 anos da pena de ouro, e falou um pouco mais sobre o método de ensinamentos de Mestre Bimba. (1)

CO: no fim da roda, nenhum de nós havia escapado de tomar uma multa. Todos entenderam e até se divertiram com as multas tomadas, apenas Arnaldo me pareceu não ter entendido e por conta disso ficou meio irritado. Mesmo Hulk em seu primeiro dia, pareceu compreender que aquilo tudo fazia parte das aulas de capoeira de Mestre Izael. (2)

### ***Diário de Campo XIV - 17/04/2015***

Nesta sexta-feira, como estava impossibilitado de participar do treino, o Mestre disse para que eu ficasse à vontade, podendo observar ou ler o livro que ele me sugeriu. Me sentei e dei continuidade na leitura. Ficaram juntos, Highlander e Richard, Arnaldo e Africana enquanto Pedro treinou sozinho. O Mestre passou uma sequência de movimentos novos

para Pedro que se demonstrava muito contente e empolgado. Os demais seguiram treinando as oito sequências de Mestre Bimba.

CO: pude perceber, nas horas que dava uma pausa na leitura, que os alunos já se organizavam para trinarem as oito sequências sozinhos, tendo uma certa autonomia até mesmo nas horas em que surgia alguma dúvida com as oito sequências, nessa hora, não procuravam o Mestre que geralmente está dando uma atenção aos alunos Capotas, iam diretamente nos artigos, textos sobre capoeira regional que o Mestre mantém expostos em um mural dentro da associação. Somente quando não havia outro jeito é que procuravam o Mestre. (1) Nesse dia, pude perceber que a aula do Mestre Izael sempre tem momentos de muita conversa, hora ele explicando algo para os alunos, falando sobre os Mestres os quais ele conviveu, convive, e os que lhe deram aulas e também os diversos grupos de capoeira que ele conhece. Conversamos por mais de meia hora sobre diversas coisas que acontece no mundo da capoeiragem, dentre elas: a transformação da capoeira, o que se diferencia de capoeira regional de Mestre Bimba, capoeira contemporânea ou capoeira solta como costuma dizer o Mestre. Também a violência que sempre esteve presente dentro de muitas rodas mundo afora. Rodas que o Mestre participou e que tirou algumas lições que hoje passa para seus alunos. Os cuidados que devemos tomar em lugares que não conhecemos, a importância de parar e observar sempre os locais de roda, ou em qualquer outra circunstância de nossas vidas. Se podia perceber nos rostos dos alunos, principalmente os mais novas, a curiosidade que aquilo despertava neles, também expressavam uma cara de espanto em alguns momentos. Porém, sabiam que a forma de Mestre Izael ensina capoeira, não enfatiza ou estimula em nenhum momento a violência. A aula terminou com a aquele conversa. O Mestre olhou para todos sorriu, olhou para o relógio e disse: pronto, acabou a aula!! Todos assinaram o livro de presença, quem precisava se trocar se trocou e foram embora. E apesar de ser uma sexta-feira feira de fim de semana do feriado prolongado, ninguém se organizou para sair juntos, beber cerveja como muitas vezes acontece. (2)

### ***Diário de Campo XV - 24/04/2015***

Sai da Universidade Federal de São Carlos por volta das 17h45min. Fiquei conversando com uns amigos até uma 18h20min. Ao embarcar no ônibus para me dirigir até a Associação, acabei embarcando em ônibus errado, o que me atrasou em uns vinte minutos. Quando cheguei a Associação o Mestre já havia dado início ao treino.

Ao chegar e entrar no salão, o Mestre estava conversando com Pedro e Arnaldo. Me disse para ficar à vontade já que ainda estava impossibilitado de treinar. Alex continuava a fazer seu treino sozinho no “gabarito”, João e Arnaldo treinavam juntos no meio da roda desenhada no centro da associação enquanto Pedro fazia o seu treino com Richard.

CO: Pedro demonstrava uma enorme paciência com Richard, explicando os movimentos, parando o treino sempre para que ele pudesse descansar já que Richard está iniciando na capoeira e ainda tem uma baixa resistência. Mestre Izael dava uma atenção maior a Arnaldo e João, pois estavam iniciando o au. O Mestre, em todo o tempo demonstrava o movimento e pedia que os dois repetissem. (1)

CO: Mestre Izael, apesar de sua limitação física devido a um acidente que sofreu e que quase o deixou paraplégico, consegue passar todos os movimentos aos alunos, e sempre diz que está melhorando a cada dia. (2)

Em um momento do treino, o Mestre percebeu que havia deixado Alex meio só, sem lhe dar atenção por algum tempo, quando percebeu se dirigiu até ele, pediu desculpas e lhe orientou sobre alguns movimentos. Às 20h em ponto o Mestre parou o treino. Armou um berimbau, pediu para que Pedro e eu pegássemos os pandeiros para o acompanhar e disse que trabalharia um pouco de música com todos. Assim todos que estavam na aula tiveram oportunidade de tocar um pouco de pandeiro e cantar também. (3)

CO: pude observar enquanto tocava pandeiro, que quase todos os iniciantes tiveram uma grande dificuldade para cantar, ou mesmo bater palmas. Uns por timidez, ou por ser o primeiro contato com instrumentos, cantos e palmas numa roda de capoeira.

Ao término da atividade com música, Mestre Izael falou da dificuldade financeira que passa a algum tempo já, mas que continua a dar aulas por amor a capoeira. Nos avisou para ir guardando dinheiro para participar dos 35 anos da Pena de Ouro no mês de novembro, segundo ele vai ficar um pouco caro. Porém, se começássemos a guardar dinheiro desde já não teríamos problemas para pagar. Disse também que nunca recebeu dinheiro nenhum de nenhum órgão público, caso isso acontecesse, todos que estavam por lá não precisaria nunca pagar para praticar capoeira dentro da Associação.

CO: nesse momento, ao olhar para os rostos de todos que lá estavam presentes, via que se encontravam emocionados ouvindo o Mestre dizendo tudo aquilo para nós.

Logo depois o Mestre encerrou o treino tocando o hino da capoeira regional e no final todos aplaudiram muito. (4)

Antes de sair da Associação ficamos todos conversando em um canto do salão. João me falava que acha muito importante o ensino de capoeira para a formação da identidade e pertencimento das pessoas negras. Logo em seguida, todos assinaram o livro de presença, se despediram e foram para suas casas. (5) Nesse dia, todos sentiram a falta do Capota, então o enviei uma mensagem via celular perguntando se estava tudo bem. Ele me respondeu dizendo que estava com muitos compromissos no horário do treino e que talvez volte a treinar às 16h. (6)